



**IMPACTO DA TECNOLOGIA NA PROFISSÃO DE
CONTABILISTA: ALIANÇA OU SUBSTITUIÇÃO NA
PERCEÇÃO DOS EMPRESÁRIOS**

Mestrado em Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação

Dissertação do Mestrado

Elaborado por

Bruno Miguel Branco Roque

Docente: Professora Doutora Carla Silva

Barcarena

Novembro, 2025

Este documento foi elaborado com base nas normas recomendadas pela American Psychological Association (APA) para a apresentação de estudos de investigação, adaptando-se aos critérios e objetivos de avaliação definidos para a Unidade Curricular de Dissertação do Mestrado em Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação, ministrado pelo Instituto Universitário Atlântica.

A forma e o conteúdo do presente trabalho são da inteira responsabilidade do seu autor, Bruno Miguel Branco Roque, conforme identificado na capa.

Data prevista para apresentação e defesa do trabalho: Novembro de 2025.

Elemento Motivador

“Quanto maior for a incorporação da tecnologia nas empresas, mais e melhores competências os profissionais de Contabilidade vão precisar assegurar para mostrarem a sua relevância e capacidade de agregar valor.”

Santos, António Morais (2023). A Inteligência Artificial e a Mudança Estratégica das Funções do Contabilista. - repositorio-cientifico.uatlantica.pt

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI – Inteligência Artificial

APA – American Psychological Association

AT – Autoridade Tributária

CSV – Comma-Separated Values

DGS – Direção-Geral da Saúde

ERP – Enterprise Resource Planning

IA – Inteligência Artificial

IES – Informação Empresarial Simplificada

IFAC – International Federation of Accountants

IRS – Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares

IVA – Imposto sobre o Valor Acrescentado

KPI – Key Performance Indicator

OCC – Ordem dos Contabilistas Certificados

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

PDF – Portable Document Format

PME – Pequenas e Médias Empresas

SAF-T – Standard Audit File for Tax

SFDC – Salesforce.com, Inc.

TOC – Técnico Oficial de Contas

UATLA – Universidade Atlântica

UE – União Europeia

XML – Extensible Markup Language

RESUMO

IMPACTO DA TECNOLOGIA NA PROFISSÃO DE CONTABILISTA: ALIANÇA OU SUBSTITUIÇÃO NA PERCEÇÃO DOS EMPRESÁRIOS?

A presente dissertação analisa o impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado, focando-se nas mudanças provocadas pela adoção de tecnologias avançadas, em particular a inteligência artificial (IA). O estudo teve como objetivo compreender a percepção dos empresários portugueses sobre a substituição ou complementaridade do papel do contabilista no contexto da digitalização. Através de um questionário aplicado a 388 empresários, foram recolhidos dados que permitiram aferir o grau de digitalização das empresas, o uso de software contabilístico, o envolvimento do contabilista nas decisões estratégicas e as áreas em que os empresários consideram que o julgamento humano continua essencial. A revisão da literatura abordou estudos nacionais e internacionais que discutem a aplicação da IA na contabilidade, nomeadamente o seu papel na automatização de tarefas rotineiras, na melhoria da análise preditiva e na redefinição do perfil de competências exigido aos profissionais do setor. O enquadramento teórico foi reforçado com contributos recentes (2021–2024), incluindo investigações aplicadas à realidade portuguesa, onde se destaca a predominância de micro e pequenas empresas com diferentes níveis de maturidade tecnológica. Os resultados do estudo revelam uma visão equilibrada por parte dos empresários: reconhecem o potencial das tecnologias emergentes, mas também a importância do fator humano nas funções mais críticas da contabilidade. A análise estatística inferencial (teste qui-quadrado) confirmou a existência de diferenças significativas entre setores de atividade e dimensões empresariais. São apresentadas implicações para a formação académica e contínua dos contabilistas, bem como sugestões para políticas públicas e para o papel das ordens profissionais. Conclui-se que a tecnologia não elimina a profissão, mas exige a sua reinvenção.

Palavras-chave: Contabilidade, Transformação Digital, Automação, Competências, Percepção dos Empresários.

Abstract

IMPACT OF TECHNOLOGY ON THE ACCOUNTING PROFESSION: PARTNERSHIP OR SUBSTITUTION IN THE PERCEPTION OF ENTREPRENEURS?

This dissertation explores the impact of digital transformation on the accounting profession, focusing on the changes brought by the adoption of advanced technologies, particularly artificial intelligence (AI). The main objective was to understand Portuguese entrepreneurs' perceptions regarding whether AI will substitute or complement the role of certified accountants in a digital context. Based on a survey of 388 business owners, the study analyzed the level of digitalization, software usage, the accountant's strategic involvement, and the areas where human judgment is still considered essential. The literature review includes both national and international contributions, highlighting the growing role of AI in automating repetitive tasks, enhancing predictive analysis, and reshaping the skills required for accountants. Recent studies from 2021 to 2024 were incorporated, with particular attention to the Portuguese business environment, characterized largely by micro and small enterprises with varying levels of technological maturity. The findings indicate that while entrepreneurs acknowledge the advantages of emerging technologies, they also emphasize the irreplaceable value of human input in critical accounting areas. Inferential statistical analysis (chi-square test) confirmed significant differences across business sectors and company sizes. The study provides practical implications for academic curricula, professional training, public policy, and the role of professional bodies. The overall conclusion is that technology does not eliminate the accounting profession but rather demands its transformation.

Keywords: Accounting, Digital Transformation, Automation, Skills, Entrepreneurs Perception.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Setor de atividade	19
Tabela 2 - Dimensão da empresa.....	20
Tabela 3 - Caracterização Adicional das Empresas.....	21
Tabela 4 - Implementação e Integração.....	22
Tabela 5 - Tipo de Software e Frequência.....	24
Tabela 6 - Percepção da Eficiência.....	25
Tabela 7 - Papel Estratégico do Contabilista.....	26
Tabela 8 - Forma de Prestação e Frequência de Interação	27
Tabela 9 - Expectativas e Confiança	28
Tabela 10 - Impacto e Investimento Futuro	29
Tabela 11 - Adaptação e Barreiras	30
Tabela 12 - Inteligência Artificial, Automação e Prioridade.....	31
Tabela 13 - Substituição e Evolução	33
Tabela 14 - Expectativas futuras e transparência	34
Tabela 15 - Competências Tecnológicas Exigidas	35
Tabela 16 - Áreas Insustituíveis	35

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Setor Atividade.....	38
Figura 2 - Dimensão das Empresas.....	39
Figura 3 - Implementação de Automação	41
Figura 4 - Confiança no Contabilista	44
Figura 5 - Impacto da Transformação Digital.....	46
Figura 6 - Utilização da Inteligência Artificial	48

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	6
1.1. A Transformação Digital como Fenómeno Disruptivo	6
1.2. A Contabilidade como Sistema de Informação	6
1.3. O Risco de Automatização da Profissão Contabilística	7
1.4. O Novo Perfil de Competências Exigido aos Contabilistas	8
1.5. A Emergência da Inteligência Artificial e do Big Data	9
1.6. A perceção dos empresários e o contexto português	10
1.7. Convergência Teórica: A Lógica da Complementaridade	11
1.8. Conclusão do Enquadramento Teórico	11
2. METODOLOGIA	13
2.1. Enquadramento Metodológico	13
2.2. Objetivos da Investigação	13
2.3. Tipo de Estudo	14
2.4. Instrumento de Recolha de Dados	15
2.5. População e Amostra	16
2.6. Procedimentos de Recolha de Dados	16
2.7. Tratamento e Análise dos Dados	17
2.8. Considerações Éticas	17
3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
3.1. Caracterização da amostra	19
3.2. Nível de Digitalização e Automação da Contabilidade nas Empresas	22

3.3.	Envolvimento Estratégico e Percepções sobre o Papel do Contabilista	25
3.4.	Impacto da Transformação Digital na Contabilidade e Gestão Financeira	29
3.5.	Perspetivas Futuras sobre o Papel do Contabilista Certificado.....	32
4.	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	37
4.1.	Amostra.....	37
4.2.	Nível de Digitalização e Automação da Contabilidade nas Empresas	40
4.3.	Envolvimento Estratégico e Percepções sobre o Papel do Contabilista	42
4.4.	Impacto da Transformação Digital na Contabilidade e Gestão Financeira	45
4.5.	Perspetivas Futuras sobre o Papel do Contabilista Certificado.....	49
4.6.	Estatística Inferencial: Diferenças entre Setores e Dimensão das Empresas.....	51
5.	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS.....	54
5.1.	Conclusões Principais	54
5.2.	Contributos do Estudo.....	55
5.3.	Recomendações.....	55
5.4.	Limitações e Sugestões para Investigações Futuras	57
5.5.	Considerações Finais.....	58
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
	APÊNDICE I – CONSENTIMENTO INFORMADO	i
	APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EMPRESÁRIOS.....	iii
	ANEXO - QUESTIONÁRIO.....	i

INTRODUÇÃO

A evolução tecnológica tem sido, ao longo da história, um dos principais motores de transformação das sociedades e das atividades económicas. Desde a revolução industrial até à era digital, o avanço tecnológico tem impactado profundamente as organizações, redefinindo os seus modelos de negócio, estruturas operacionais e até mesmo as competências exigidas aos seus profissionais. A contabilidade, enquanto função central no apoio à gestão e tomada de decisão, não permanece imune a estas alterações. Na verdade, encontra-se atualmente num ponto de inflexão sem precedentes, resultado da combinação entre automação, inteligência artificial, análise de dados e transformação digital global.

A profissão contabilística, tradicionalmente associada à recolha, processamento e reporte de dados financeiros, tem sido, historicamente, percecionada como uma atividade eminentemente técnica e de forte componente normativa. O contabilista assumia, até há poucos anos, um papel centrado na conformidade fiscal, no cumprimento de obrigações legais e na organização dos registos financeiros das organizações. Contudo, com a emergência de tecnologias disruptivas, esta função está a sofrer uma metamorfose profunda, desafiando o próprio conceito da profissão e as suas fronteiras de atuação.

A transformação digital da contabilidade tem vindo a evoluir para além da simples automatização de tarefas rotineiras, com a Inteligência Artificial (IA) a assumir um papel cada vez mais central. De acordo com Sutton, Holt e Arnold (2022), os avanços recentes em IA estão a reformular profundamente as práticas contabilísticas, permitindo o desenvolvimento de sistemas inteligentes que não apenas executam tarefas, mas aprendem com os dados e adaptam os seus comportamentos de forma contínua.

Estes sistemas têm capacidade para identificar padrões, detetar anomalias, prever resultados financeiros e, em muitos casos, gerar relatórios automaticamente. Esta realidade está a alterar o papel do contabilista, que passa de executor técnico para analista estratégico. Para Zhou, Wang e Liu (2023), a adoção de sistemas de contabilidade inteligente é inevitável e trará profundas alterações na forma como os relatórios financeiros são preparados e auditados, implicando maior foco na interpretação e validação dos outputs gerados por IA.

Adicionalmente, a literatura nacional também alerta para o impacto das novas tecnologias no perfil de competências dos contabilistas. Segundo Sousa e Rocha (2021), a IA e o big data exigem dos profissionais da contabilidade habilidades híbridas, combinando domínio técnico com literacia digital, pensamento crítico e capacidade de comunicar resultados complexos de forma acessível à gestão. Esta exigência marca uma rutura com o modelo tradicional de formação dos contabilistas, centrado quase exclusivamente em normas e técnicas contabilísticas.

Outro aspeto relevante está relacionado com a ética e o controlo dos algoritmos utilizados na contabilidade. Estudos como o de Robinson e Azzopardi (2022) alertam que, apesar dos ganhos operacionais proporcionados pela IA, a sua aplicação deve ser acompanhada de mecanismos de supervisão e transparência, de modo a evitar decisões enviesadas ou mal fundamentadas. A responsabilidade dos contabilistas mantém-se essencial, não apenas para garantir a conformidade legal, mas também para assegurar a integridade dos dados e interpretações.

Importa referir que a utilização da IA na contabilidade já está a ser integrada em soluções tecnológicas utilizadas por PME e grandes empresas, como os sistemas de ERP com módulos de IA e as plataformas cloud que aplicam machine learning para prever resultados ou sugerir classificações automáticas. O estudo da IFAC (2023) confirma esta tendência global, mostrando que 68% das organizações estão já a implementar IA de forma parcial ou total, o que reforça a necessidade de adaptação urgente dos profissionais.

A convergência entre tecnologia e contabilidade representa, assim, uma nova era para a profissão, em que a capacidade de trabalhar com IA se torna não apenas uma mais-valia, mas uma exigência para garantir a relevância do contabilista no ecossistema empresarial.

Autores como Frey e Osborne (2017) têm vindo a alertar que a contabilidade é uma das profissões com maior potencial de ser automatizada, devido à natureza repetitiva e estruturada de muitas das suas tarefas. A aplicação de algoritmos de inteligência artificial e de tecnologias de automação de processos (RPA - Robotic Process Automation) já permite, atualmente, executar com elevado grau de precisão muitas das atividades outrora desempenhadas exclusivamente por profissionais humanos: reconciliações bancárias, classificação de

documentos, lançamento de operações contabilísticas e até mesmo o cumprimento de obrigações fiscais periódicas.

Esta realidade não é, todavia, apenas uma ameaça à profissão. Muitos autores argumentam que o avanço tecnológico representa também uma oportunidade para reposicionar o papel do contabilista enquanto parceiro estratégico de gestão. Baldvinsdottir et al. (2009) defendem que a tecnologia, ao libertar tempo e recursos dos profissionais de contabilidade das tarefas operacionais, permite-lhes concentrar-se em atividades de maior valor acrescentado, como a análise financeira, o apoio à tomada de decisão, a consultoria fiscal e o planeamento estratégico das organizações.

Paralelamente, estudos como os da Deloitte (2020) e da PwC (2018) destacam que, para além das competências técnicas tradicionais, o contabilista do futuro deverá dominar áreas como a análise de dados, o pensamento crítico, a literacia digital e as competências de comunicação e liderança. A profissão está assim a migrar de uma lógica de "compliance" para uma lógica de "business partner", em que o conhecimento técnico é complementado por uma forte componente analítica, tecnológica e relacional.

No caso português, esta transformação assume contornos particulares. Portugal caracteriza-se por um tecido empresarial fortemente assente em micro, pequenas e médias empresas, com estruturas organizativas reduzidas e, muitas vezes, com limitações de recursos e de conhecimento técnico interno. Este contexto potencia uma elevada dependência dos serviços de contabilidade, não apenas para cumprimento das obrigações fiscais e legais, mas também como suporte à gestão e planeamento financeiro. No entanto, verifica-se que muitas destas organizações estão a adotar soluções tecnológicas que permitem a execução automatizada de tarefas contabilísticas básicas, nomeadamente através de softwares de faturação online, integração bancária automática, emissão eletrónica de faturas e submissão automática de declarações fiscais.

Não obstante esta crescente digitalização de processos, persiste a necessidade de uma análise crítica e contextualizada da informação financeira, bem como da sua interpretação estratégica em função dos objetivos específicos de cada organização. É neste ponto que se coloca o grande

debate atual: até que ponto a tecnologia substitui o contabilista certificado e em que medida o complementa, exigindo-lhe o desenvolvimento de novas competências e um reposicionamento na cadeia de valor das organizações?

Apesar da relevância deste tema, constata-se que a literatura empírica sobre a perceção dos empresários portugueses relativamente ao impacto da tecnologia na profissão de contabilista ainda é escassa. Grande parte dos estudos existentes aborda a evolução tecnológica sob uma perspetiva técnico-académica ou centrada nos próprios profissionais de contabilidade, sendo pouco frequente a análise focada na perspetiva dos clientes destes serviços, os empresários, que, na prática, são quem decide o papel e o valor atribuído ao contabilista na gestão do seu negócio.

Tendo em conta o problema identificado e os objetivos gerais da investigação, o presente estudo foi orientado por duas questões centrais que procuram compreender a perceção dos empresários relativamente ao papel do contabilista certificado no contexto da transformação digital:

Q1: De que forma percecionam os empresários o papel do contabilista certificado face à automação e digitalização dos processos contabilísticos?

Esta primeira questão procura captar a visão global dos empresários sobre o impacto da automação na profissão, analisando em que medida consideram o contabilista substituível ou complementar à tecnologia e se reconhecem a importância contínua do julgamento humano.

Q2: Quais são as competências e áreas de intervenção que os empresários consideram essenciais para que os contabilistas continuem a acrescentar valor?

Esta segunda questão visa identificar as competências técnicas, digitais e comportamentais que os empresários esperam dos contabilistas num cenário de transformação digital, bem como as áreas nas quais consideram que a intervenção humana permanece indispensável.

Estas questões permitem orientar a análise empírica, garantindo que o estudo contribui simultaneamente para o debate académico e para a reflexão profissional sobre o futuro da contabilidade numa economia cada vez mais digitalizada.

Esta dissertação surge, assim, com o objetivo de colmatar essa lacuna, analisando de forma sistematizada e empírica a perceção dos empresários portugueses sobre o impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado. Pretende-se, com este estudo, compreender como os empresários avaliam o papel atual e futuro do contabilista face à automação, quais as competências que consideram mais relevantes para a sua atuação no novo contexto digital e até que ponto consideram o contabilista substituível ou insubstituível perante o avanço tecnológico.

Para atingir estes objetivos, a investigação baseia-se num enquadramento teórico suportado em autores como Frey & Osborne (2017), Baldvinsdottir et al. (2009), Granlund (2007), Warren, Moffitt & Byrnes (2015), Sangster, Leech & Grabski (2009) e Li et al. (2018), os quais oferecem uma perspetiva abrangente sobre o impacto da tecnologia nos diferentes domínios da contabilidade: automação, inteligência artificial, ERP, big data e competências emergentes.

A investigação recorre a uma metodologia de natureza quantitativa, com aplicação de um questionário estruturado a uma amostra de empresários portugueses, abrangendo empresas de diferentes setores de atividade, dimensões e níveis de maturidade digital. A amostra recolhida, constituída por 388 respostas válidas, permite uma análise robusta e estatisticamente relevante para sustentar as conclusões a apresentar.

Este estudo procura ainda contribuir para o debate estratégico sobre o futuro da profissão contabilística em Portugal, oferecendo uma visão prática e aplicada, baseada nas expetativas e necessidades do mercado empresarial. As conclusões obtidas poderão, assim, ser úteis não apenas para os profissionais da área e suas organizações representativas (como a Ordem dos Contabilistas Certificados), mas também para instituições de ensino superior e entidades públicas, no sentido de ajustarem os modelos formativos e os referenciais de atuação às exigências da nova realidade digital.

A presente dissertação encontra-se organizada em cinco capítulos. Após esta introdução, segue-se a revisão da literatura existente, a metodologia adotada, detalhando a amostra, o instrumento de recolha de dados e o método de análise, a apresentação e discussão dos resultados obtidos e as principais conclusões, limitações do estudo e sugestões para futuras investigações.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. A Transformação Digital como Fenómeno Disruptivo

A transformação digital representa atualmente um dos processos de mudança mais abrangentes e acelerados em múltiplos setores de atividade económica e profissional. Na contabilidade, este fenómeno tem provocado alterações radicais não apenas na forma como os dados financeiros são recolhidos, processados e reportados, mas também no próprio papel e identidade dos contabilistas no seio das organizações (Brynjolfsson & McAfee, 2014). A introdução de tecnologias disruptivas, como a inteligência artificial, o big data, a automação de processos robóticos (RPA) e os sistemas integrados de ERP, têm vindo a alterar o paradigma tradicional do processamento contabilístico manual, introduzindo uma capacidade inédita de automação, análise em tempo real e suporte avançado à decisão.

A digitalização dos processos organizacionais permite que o fluxo de informação financeira ocorra de forma contínua, com atualizações automáticas em tempo real, eliminando a tradicional periodicidade do reporte financeiro (Vasarhelyi & Kogan, 2015). Esta evolução tecnológica altera profundamente o modo como os decisores interpretam e utilizam a informação financeira, exigindo também novas capacidades de leitura e contextualização estratégica por parte dos profissionais de contabilidade.

Contudo, a transformação digital não se limita à introdução de novas ferramentas informáticas; implica igualmente mudanças culturais e estruturais profundas nas organizações, exigindo uma verdadeira reconfiguração dos modelos de negócio e dos papéis profissionais. A contabilidade, enquanto função de suporte à decisão de gestão, posiciona-se neste contexto como uma área particularmente sensível à inovação tecnológica, pelas suas características de forte componente de dados, regras bem definidas e elevada repetitividade de tarefas.

1.2. A Contabilidade como Sistema de Informação

A contabilidade, na sua essência, sempre funcionou como um sistema de informação, cuja função principal é produzir dados financeiros fiáveis para suporte à gestão, controlo e cumprimento legal. Contudo, com o avanço da tecnologia, esta definição clássica evolui para

uma visão mais ampla, em que o sistema contabilístico se insere numa rede integrada de dados empresariais (Granlund, 2007). Sistemas modernos de ERP permitem a centralização dos fluxos de informação financeira, operacional e logística, garantindo a coerência e atualidade dos dados em tempo real.

O contabilista moderno deixou de ser um mero agente de registo para se tornar um analista e intérprete da informação gerada por esses sistemas. A integração entre diferentes subsistemas (compras, vendas, inventários, recursos humanos e finanças) permite gerar relatórios complexos que exigem leitura crítica e capacidade de contextualização estratégica. De acordo com Sangster, Leech e Grabski (2009), a adoção de ERP nas empresas não apenas simplifica processos operacionais, mas cria também novos desafios analíticos e estratégicos para os profissionais de contabilidade.

Neste novo contexto, o contabilista não se limita a cumprir normas de relato financeiro, mas assume um papel ativo na criação de conhecimento organizacional, apoiando o planeamento, o controlo de gestão e a definição de estratégias empresariais. Este papel ampliado exige, obrigatoriamente, o desenvolvimento de novas competências tecnológicas e analíticas.

1.3. O Risco de Automatização da Profissão Contabilística

Com o advento da automação e da inteligência artificial, diversas profissões passaram a ser objeto de análise em termos da sua suscetibilidade à automatização. Frey e Osborne (2017), num estudo de referência, classificaram a profissão de contabilista como uma das mais suscetíveis, com uma probabilidade de 94% de as suas funções poderem ser automatizadas. Esta elevada exposição decorre do facto de muitas tarefas contabilísticas tradicionais envolverem processamento estruturado de dados, regras padronizadas e processos sequenciais (características particularmente apropriadas para automatização por algoritmos).

A utilização de tecnologias como o Robotic Process Automation (RPA) permite atualmente executar, com elevada precisão e fiabilidade, tarefas antes desempenhadas manualmente, como reconciliações bancárias, lançamentos contabilísticos e submissão de declarações fiscais (Moffitt, Rozario & Vasarhelyi, 2018). Este avanço gera inevitáveis receios de redução do espaço de atuação profissional, sobretudo em tarefas técnicas de baixa complexidade.

No entanto, apesar do elevado potencial de substituição, existe também uma oportunidade de transformação. Como argumentam Warren, Moffitt e Byrnes (2015), a automação pode libertar os profissionais de tarefas repetitivas, permitindo-lhes focar-se em atividades de maior valor acrescentado, como a interpretação de dados, consultoria financeira e apoio à decisão estratégica. A profissão não enfrenta, portanto, uma simples extinção, mas sim uma metamorfose profunda das suas funções nucleares.

1.4. O Novo Perfil de Competências Exigido aos Contabilistas

O futuro da profissão contabilística está intimamente associado à sua capacidade de adaptação às exigências de um novo conjunto de competências. Como referem Baldvinsdottir et al. (2009), o contabilista do século XXI deve assumir o papel de "contabilista extremo", integrando competências técnicas tradicionais com capacidades analíticas, tecnológicas e relacionais.

A Deloitte (2020) identifica um conjunto alargado de competências essenciais ao contabilista da era digital:

- Competências técnicas: domínio normativo contabilístico e fiscal.
- Competências tecnológicas: literacia digital, conhecimento de ERP, RPA, IA e ferramentas de business analytics.
- Competências analíticas: capacidade de interpretação de grandes volumes de dados e elaboração de relatórios gerenciais.
- Competências estratégicas: visão integrada do negócio e apoio à gestão estratégica.
- Competências comunicacionais: capacidade de simplificar e transmitir informação financeira complexa a decisores não financeiros.

Segundo Byrne e Pierce (2007), o contabilista contemporâneo deve possuir também capacidade de comunicação e negociação, sendo um interlocutor privilegiado entre a informação financeira e a administração da organização.

Este alargamento do leque de competências implica, necessariamente, uma revisão dos currículos de formação inicial e contínua, bem como uma atitude proativa de aprendizagem permanente por parte dos profissionais.

1.5. A Emergência da Inteligência Artificial e do Big Data

A incorporação de tecnologias de big data e inteligência artificial (IA) representa uma das transformações mais disruptivas na evolução recente da contabilidade. Estas tecnologias permitem processar grandes volumes de informação em tempo real, identificar padrões complexos, prever comportamentos e detetar anomalias com um grau de precisão substancialmente superior ao das auditorias tradicionais baseadas em amostragem (Brands & Smith, 2016). Esta mudança tecnológica altera profundamente o modo como a informação financeira é produzida, validada e interpretada dentro das organizações.

Warren et al. (2015) destacam que o principal desafio para os contabilistas no contexto atual não reside no acesso aos dados, mas sim na capacidade de transformar dados massivos e complexos em conhecimento estratégico relevante para a tomada de decisão. Assim, o papel do contabilista evolui de um executor técnico para um analista especializado, com funções consultivas e de apoio à gestão. A relevância deste papel interpretativo torna-se ainda mais evidente à medida que as organizações dependem cada vez mais de sistemas inteligentes para filtrar e organizar fluxos de informação de elevada complexidade.

No domínio da auditoria, Ilcus (2018) e Jackson et al. (2019) salientam que o uso de técnicas avançadas de data analytics e modelos algorítmicos possibilita auditorias contínuas, monitorização permanente de transações e deteção precoce de anomalias. Este novo paradigma de auditoria digital reforça a fiabilidade da informação financeira e reduz significativamente o risco de fraude e erro. A capacidade de utilizar plataformas analíticas e interpretar os resultados provenientes desses sistemas torna-se, por isso, uma competência crítica para o contabilista moderno.

A centralidade crescente da inteligência artificial foi recentemente reforçada pela literatura mediática e profissional. Um artigo publicado em junho de 2024 pelo portal HR Portugal identificou o contabilista como a profissão mais suscetível de desaparecer na próxima década, liderando um ranking de dez profissões com maior risco de automatização (HR Portugal, 2024). Esta avaliação contemporânea sublinha a vulnerabilidade das tarefas rotineiras da contabilidade — como reconciliações, classificações automáticas ou processamento

documental — e demonstra que o avanço tecnológico está a reconfigurar, de forma acelerada, o espaço de atuação do contabilista.

Contudo, esta leitura não implica necessariamente a eliminação da profissão, mas sim a sua transformação. Para acompanhar esta evolução, os contabilistas necessitarão de dominar ferramentas de business intelligence, técnicas estatísticas, algoritmos preditivos e sistemas de deteção de padrões — competências que historicamente têm sido pouco enfatizadas na formação contabilística tradicional. Assim, a emergência da IA e do big data não coloca apenas desafios técnicos, mas exige um reposicionamento estratégico da profissão, centrado no valor acrescentado humano: interpretação, julgamento crítico e capacidade de contextualizar os outputs gerados por sistemas inteligentes.

1.6. A percepção dos empresários e o contexto português

O contexto português apresenta especificidades relevantes no que respeita à transformação digital e ao papel dos contabilistas. Segundo Ribeiro e Costa (2019), a maioria dos profissionais da contabilidade em Portugal reconhece a importância da digitalização, mas a adoção de tecnologias mais avançadas, como a inteligência artificial, ainda é limitada, sobretudo nas micro e pequenas empresas. Esta limitação decorre, em parte, da escassez de recursos e do nível de literacia digital dos empresários.

Em linha semelhante, Pinho (2021) destaca que o tecido empresarial português é composto maioritariamente por microempresas, muitas das quais com estruturas familiares e pouco capital humano qualificado. Esse fator condiciona a velocidade da transição digital e reforça a necessidade de um papel ativo por parte dos contabilistas como facilitadores da inovação tecnológica e da transformação organizacional. Assim, a percepção dos empresários portugueses sobre a profissão de contabilista está fortemente ligada à confiança interpessoal, ao apoio na tomada de decisões e à mediação com a Autoridade Tributária, funções que dificilmente são substituídas por sistemas automatizados.

Além disso, estudos como o de Carvalho et al. (2022) sublinham que a pandemia de COVID-19 acelerou a digitalização de muitos processos empresariais, incluindo a comunicação com os

contabilistas, criando uma nova dinâmica de trabalho remoto e colaborativo, onde a tecnologia passou a ser indispensável, mas não suficiente por si só.

Estes contributos reforçam a ideia de que, em Portugal, a tecnologia é vista como um meio de suporte à profissão contabilística, e não como uma força de substituição total, corroborando os dados recolhidos neste estudo.

1.7. Convergência Teórica: A Lógica da Complementaridade

A literatura recente aponta para uma lógica de complementaridade entre tecnologia e intervenção humana na contabilidade. Segundo Davenport e Kirby (2016), os profissionais de maior sucesso não serão os que tentarem competir com as máquinas, mas aqueles que souberem trabalhar em parceria com elas, explorando as capacidades analíticas e cognitivas humanas em complementaridade com a capacidade de processamento e velocidade das máquinas.

Brynjolfsson & McAfee (2014) defendem que a tecnologia não elimina necessariamente profissões, mas modifica profundamente o seu conteúdo funcional, substituindo tarefas repetitivas e ampliando as que exigem julgamento, interpretação e tomada de decisão em contextos complexos.

Assim, o contabilista do futuro será, essencialmente, um gestor de informação e um consultor estratégico, dotado de uma forte literacia tecnológica e analítica, mas mantendo as competências humanas de ética, julgamento profissional, visão de negócio e comunicação com os stakeholders.

1.8. Conclusão do Enquadramento Teórico

O levantamento da literatura permite concluir que a transformação digital representa simultaneamente uma ameaça e uma oportunidade para a profissão contabilística. A eliminação progressiva de tarefas rotineiras coloca pressão sobre a profissão, mas abre igualmente espaço para a afirmação de competências estratégicas que nenhuma máquina poderá replicar integralmente.

Compreender como os empresários percecionam esta evolução é essencial para delinear o futuro da profissão e garantir a sua sustentabilidade num ambiente crescentemente tecnológico. A presente investigação procurará dar resposta a esta questão central, recorrendo a um estudo empírico que ausculta as perceções dos empresários portugueses.

2. METODOLOGIA

2.1. Enquadramento Metodológico

A investigação conduzida insere-se no domínio da contabilidade e sistemas de informação de gestão, numa abordagem de investigação quantitativa aplicada. Este enquadramento metodológico visa responder ao problema de investigação formulado, analisando as perceções dos empresários portugueses sobre o impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado.

De acordo com Saunders, Lewis e Thornhill (2019), a investigação quantitativa permite recolher dados de forma estruturada e sistemática, transformando fenómenos sociais e perceções em indicadores numéricos suscetíveis de análise estatística. Dado que o objetivo central deste estudo passa por mensurar a perceção empresarial quanto ao impacto tecnológico na contabilidade, a utilização de um instrumento padronizado de recolha de dados (questionário) revela-se particularmente adequada.

Este tipo de abordagem permite, não só descrever as opiniões dos inquiridos, mas também estabelecer relações comparativas entre variáveis como a dimensão da empresa, o setor de atividade, o nível de digitalização e a perceção do valor do contabilista na era digital. É igualmente adequado para captar tendências gerais num universo empresarial diversificado, como o português, assegurando objetividade e comparabilidade dos resultados.

Adicionalmente, foi garantida uma preocupação constante com a validade científica da metodologia, assegurando a consistência interna do questionário, o rigor na aplicação, bem como a integridade dos dados recolhidos e analisados.

2.2. Objetivos da Investigação

Derivado das questões anteriormente formuladas, foram definidos os seguintes objetivos operacionais:

- Objetivo 1: Avaliar em que medida os empresários consideram o contabilista certificado como uma função insubstituível, parcial ou totalmente substituível pelas tecnologias emergentes.

- Objetivo 2: Comparar essas percepções em função de variáveis organizacionais relevantes, como o setor de atividade, o nível de digitalização e a dimensão da empresa (micro, PME ou grande empresa).
- Objetivo 3: Identificar as competências técnicas, tecnológicas e comportamentais que os empresários consideram indispensáveis para o contabilista certificado, na era digital.
- Objetivo 4: Determinar quais as áreas de intervenção profissional onde, independentemente da automação, a presença do contabilista certificado continua a ser vista como necessária e geradora de valor.

Ao operacionalizar os objetivos em dimensões concretas de análise, garante-se a coerência metodológica com as perguntas de investigação e permite-se uma estrutura clara na organização e análise dos dados.

2.3. Tipo de Estudo

O presente estudo enquadra-se metodologicamente como uma investigação quantitativa, descritiva e correlacional. A investigação quantitativa procura quantificar comportamentos, percepções e opiniões, através de técnicas estatísticas apropriadas (Creswell, 2014).

A vertente descritiva justifica-se na medida em que o principal objetivo passa por caracterizar o estado atual da percepção dos empresários sobre o tema, sem, contudo, intervir ou alterar o ambiente natural da população.

Simultaneamente, apresenta um componente correlacional, uma vez que procura relacionar variáveis (ex.: dimensão da empresa, setor, maturidade digital) com as percepções e expectativas relativas à profissão contabilística, permitindo identificar possíveis padrões de associação entre variáveis.

Este tipo de abordagem é amplamente utilizado em estudos exploratórios iniciais quando o tema apresenta ainda reduzida investigação empírica direta, como é o caso da percepção empresarial portuguesa neste domínio específico.

2.4. Instrumento de Recolha de Dados

O instrumento de recolha de dados utilizado consistiu num questionário estruturado online, construído com base na revisão da literatura e ajustado ao contexto específico português. A escolha do questionário deveu-se à sua capacidade de recolher dados padronizados, de forma rápida e eficiente, junto de um número alargado de participantes.

O questionário foi desenhado com uma estrutura clara, composto por:

Parte I – Caracterização da empresa e do respondente. Inclui variáveis de caracterização como:

- Setor de atividade;
- Número de trabalhadores;
- Volume de negócios anual;
- Nível atual de digitalização da empresa;
- Frequência de contacto com o contabilista certificado.

Parte II – Perceção sobre o impacto da transformação digital. Aborda a perceção dos empresários quanto:

- À substituição ou não do contabilista por tecnologia;
- Ao papel estratégico do contabilista no atual contexto;
- À evolução esperada para os próximos 10 anos.

Parte III – Competências e áreas de intervenção esperadas. Inclui uma avaliação da importância atribuída a diversas competências:

- Técnicas (normas contabilísticas, fiscalidade);
- Digitais (ERP, RPA, IA, Big Data);
- Comportamentais (comunicação, pensamento crítico, visão estratégica).

O questionário foi desenvolvido na plataforma Google Forms, possibilitando o seu preenchimento de forma intuitiva, rápida e segura, respeitando as normas éticas e de proteção de dados.

2.5. População e Amostra

A população-alvo definida para o estudo corresponde ao universo de empresários e gestores de empresas em atividade em Portugal. Consideraram-se elegíveis todos os indivíduos com responsabilidades de gestão e decisão nas suas organizações, independentemente do setor de atividade ou dimensão da empresa.

Tendo em conta as limitações práticas no acesso a uma base de dados nacional exaustiva de empresários, optou-se por uma estratégia de amostragem não probabilística por conveniência, comum em investigações exploratórias em contexto académico (Hair et al., 2014).

Foram recolhidas 388 respostas válidas, resultantes de um esforço de divulgação diversificado:

- Partilha do link de acesso em redes profissionais e sociais (LinkedIn, grupos empresariais);
- Contactos diretos junto de empresários;
- Apoio de redes informais e associativas.

Considerando o universo total de empresas registadas em Portugal (superior a 1 milhão de entidades incluindo microempresas e ENIs), a amostra obtida, embora não probabilística, apresenta dimensão suficiente para fornecer indicadores exploratórios relevantes.

A amostra revelou-se heterogénea em termos de:

- Dimensão (micro, PME e grandes empresas);
- Setores de atividade representados;
- Graus distintos de maturidade digital.

2.6. Procedimentos de Recolha de Dados

O processo de recolha de dados decorreu ao longo de um período compreendido entre Abril e Junho de 2025.

A divulgação foi realizada por:

- Canais digitais: LinkedIn, fóruns de empresários e redes sociais;
- Contactos diretos: através de colegas, ex-alunos e empresários conhecidos;

- Contactos institucionais: associações empresariais, gabinetes de contabilidade e consultoria.

Todos os participantes foram previamente informados sobre o objetivo do estudo, a natureza voluntária da participação e o tratamento confidencial dos dados recolhidos.

O questionário foi precedido de um texto introdutório com o consentimento informado, em cumprimento com as boas práticas de investigação científica e com o regulamento interno da instituição de ensino.

2.7. Tratamento e Análise dos Dados

Após concluída a fase de recolha, os dados foram exportados da plataforma Google Forms para formato .CSV, permitindo o seu tratamento e análise estatística. Foi utilizado para o tratamento Microsoft Excel.

As análises realizadas incluíram:

- Estatística descritiva (médias, frequências, percentagens);
- Segmentação de respostas por variáveis de caracterização (dimensão empresarial, setor, grau de digitalização);
- Análises comparativas exploratórias entre subgrupos de empresas.

Optou-se por privilegiar a análise descritiva, adequada à natureza exploratória do estudo, procurando identificar tendências gerais e pontos de convergência ou divergência de perceções.

2.8. Considerações Éticas

A integridade ética da investigação foi assegurada em todas as fases do estudo. Os procedimentos seguiram as normas éticas gerais recomendadas para investigação com seres humanos (APA, 2020), nomeadamente:

- Garantia de participação voluntária;
- Ausência de qualquer tipo de coação ou incentivo financeiro;
- Consentimento informado prévio;
- Anonimato total dos inquiridos;

- Não recolha de dados sensíveis;
- Utilização exclusiva dos dados para fins académicos.

Adicionalmente, o projeto foi submetido a apreciação e validação prévia pela orientação científica da dissertação.

3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo apresenta de forma detalhada os resultados obtidos através do questionário aplicado a 388 empresários portugueses. O objetivo da análise é compreender a perceção dos empresários relativamente ao impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado, bem como identificar as competências consideradas essenciais e as áreas onde o contabilista continua a ser visto como indispensável.

Os resultados são organizados de acordo com os objetivos de investigação definidos previamente, permitindo obter conclusões sólidas e cientificamente suportadas com base nos dados recolhidos.

3.1. Caracterização da amostra

A caracterização da amostra permite contextualizar os perfis das empresas participantes e compreender melhor o enquadramento dos resultados obtidos.

3.1.1. Setor de atividade

Conforme apresentado na Tabela 1, a distribuição dos setores de atividade permite compreender a representatividade relativa do comércio, indústria e serviços na amostra.

Tabela 1 - Setor de atividade

Setor de Atividade	Número de Respostas	Percentagem
Comércio	183	47,2%
Indústria	105	27,1%
Serviços	100	25,8% ¹ⁱ

O setor Comércio representa a maior fatia dos inquiridos, com 47,2% do total. Seguem-se o setor Industrial, com 27,1%, e o setor dos Serviços, com 25,8%. Esta distribuição demonstra uma amostra equilibrada, mas com maior representatividade de empresas comerciais o que

1

pode influenciar as percepções em relação à adoção tecnológica e ao papel do contabilista, dada a natureza mais transaccional e operacional do comércio. A presença expressiva do setor industrial também assegura diversidade de perspetivas, especialmente no que se refere a sistemas integrados de contabilidade e ERP. Já o setor dos serviços, embora ligeiramente menos representado, pode aportar visões diferenciadas quanto à digitalização de processos e à externalização de funções contabilísticas.

3.1.2. Dimensão da empresa

A dimensão das empresas inquiridas foi avaliada com base no número de colaboradores. A Tabela 2 sintetiza a distribuição das empresas segundo o número de colaboradores, permitindo identificar o predomínio das microempresas na amostra.

Tabela 2 - Dimensão da empresa

Número de Colaboradores	Número de Respostas	Percentagem
Menos de 10	270	69,6%
Entre 10 e 50	43	11,1%
Entre 50 e 100	46	11,9%
Mais de 100	29	7,4%

A grande maioria das empresas da amostra (69,6%) emprega menos de 10 colaboradores, o que evidencia a predominância de microempresas no tecido empresarial inquirido. Esta informação é particularmente relevante, pois estas empresas tendem a ter recursos limitados e podem apresentar uma maior vulnerabilidade ou resistência à adoção de novas tecnologias, nomeadamente nas áreas administrativas e contabilísticas.

Por outro lado, empresas de maior dimensão, com mais de 50 colaboradores (representando um total combinado de 19,3%), estão, regra geral, mais expostas a processos de transformação digital, seja por exigência de escala ou pela necessidade de maior controlo e automatização de processos. Assim, é expectável que as percepções sobre o papel dos contabilistas e a introdução de tecnologia variem significativamente consoante a dimensão da organização.

3.1.3. Caracterização Adicional das Empresas

Para além do setor de atividade e do número de colaboradores, a amostra foi caracterizada segundo três variáveis adicionais: volume anual de faturação, anos de atividade e número de escritórios ou filiais. A Tabela 3 apresenta indicadores adicionais sobre as empresas inquiridas, incluindo volume de faturação, anos de atividade e número de escritórios ou filiais.

Tabela 3 - Caracterização Adicional das Empresas

Indicador	Categoria	% de Respostas
Volume Anual de Faturação	Menos de 100.000€	70,4%
	Entre 100.000€ e 500.000€	9,5%
	Entre 500.000€ e 1.000.000€	11,3%
	Mais de 1.000.000€	8,8%
Anos de Atividade da Empresa	Menos de 2 anos	20,9%
	Entre 2 e 5 anos	43,8%
	Entre 5 e 10 anos	17,3%
	Mais de 10 anos	18,0%
Número de Escritórios ou Filiais	Apenas 1	75,5%
	Entre 2 e 5	11,9%
	Mais de 5	12,6%

A análise dos dados apresentados revela um perfil bastante representativo das micro e pequenas empresas em Portugal. No que diz respeito ao volume anual de faturação, observa-se que 70,4% das empresas faturam menos de 100.000€, o que confirma a predominância de microempresas no tecido empresarial português. Apenas 8,8% registam uma faturação superior a 1.000.000€, destacando a reduzida representatividade de empresas de maior dimensão na amostra.

Relativamente à antiguidade das empresas, a maioria encontra-se numa fase ainda jovem: 43,8% têm entre 2 e 5 anos de atividade, e 20,9% têm menos de 2 anos. Esta distribuição demonstra um forte dinamismo empreendedor, com uma presença significativa de empresas criadas recentemente. Apenas 18% têm mais de 10 anos, o que pode indicar a fragilidade e

elevada rotatividade do setor empresarial ou o crescimento recente do número de novas empresas.

No que respeita ao número de escritórios ou filiais, 75,5% das empresas possuem apenas uma unidade física, reforçando a ideia de estruturas organizacionais simples, típicas de microempresas. Apenas cerca de 24,5% têm mais do que um escritório ou filial, o que pode também refletir limitações ao nível do investimento e da expansão territorial.

Em suma, os dados apontam para um tecido empresarial fortemente dominado por empresas de pequena dimensão, com estrutura reduzida e atividade recente, o que deve ser tido em conta na análise do impacto da tecnologia e da automatização nos seus processos internos, nomeadamente na contabilidade.

3.2. Nível de Digitalização e Automação da Contabilidade nas Empresas

3.2.1. Implementação e Integração de Ferramentas Digitais na Contabilidade

Com o avanço da tecnologia, torna-se essencial compreender em que medida as empresas estão a adotar ferramentas digitais no domínio da contabilidade. A Tabela 4 demonstra o grau de implementação de tecnologias de automação contabilística e o nível de integração das ferramentas digitais nos processos internos.

Tabela 4 - Implementação e Integração

Indicador	Categoria	% de Respostas
Implementação de Tecnologias de Automação Contabilística	Sim	79,9%
	Não	20,1%
Nível de Integração de Ferramentas Digitais na Contabilidade	Nenhuma	24,5%
	Parcial	55,7%
	Total	19,8%

Os resultados revelam um elevado grau de adesão às tecnologias de automação contabilística por parte das empresas inquiridas, com 79,9% a confirmarem a sua implementação, o que

evidencia uma tendência marcante para a modernização dos processos contabilísticos. Este dado é especialmente relevante, uma vez que a adoção de ferramentas como ERP e software especializado tem sido apontada como essencial para a eficiência e competitividade empresarial.

Contudo, quando analisado o nível de integração dessas ferramentas, nota-se um cenário menos uniforme: apenas 19,8% das empresas indicam possuir uma integração total das ferramentas digitais com os seus processos contabilísticos, enquanto 55,7% assumem uma integração parcial e 24,5% referem não ter qualquer integração. Esta discrepância entre a implementação e a integração total sugere que, embora muitas empresas estejam a adotar tecnologias, ainda existe um caminho significativo a percorrer para garantir uma transformação digital completa e eficaz.

Estes dados reforçam a importância de não apenas adquirir ferramentas digitais, mas também assegurar a sua integração estratégica nos processos internos, garantindo uma real alavancagem da produtividade, controlo e análise contabilística.

3.2.2. Tipo de Software Utilizado e Frequência de Atualização das Ferramentas

A análise dos dados recolhidos permite compreender quais os tipos de software contabilístico utilizados pelas empresas e com que frequência estas atualizam as suas ferramentas digitais. Estes indicadores são fundamentais para perceber o grau de modernização tecnológica das organizações no que respeita à gestão financeira e contabilística. A Tabela 5 reúne informação sobre os tipos de software contabilístico utilizados pelas empresas e a frequência com que atualizam as suas ferramentas digitais.

Tabela 5 - Tipo de Software e Frequência

Indicador	Categoria	% de Respostas
Tipo de Software Utilizado	Software especializado (ex.: Primavera, TOConline)	74,0%
	Ferramentas generalistas (ex.: Excel)	14,4%
	Não utiliza	11,6%
Frequência de Atualização das Ferramentas Digitais	Anualmente	21,6%
	De 2 em 2 anos	56,4%
	Nunca	21,9%

A maioria das empresas inquiridas recorre a software especializado para a sua contabilidade (74%), demonstrando uma forte adesão a soluções específicas e integradas. No entanto, ainda existe uma percentagem relevante de empresas que utilizam apenas ferramentas generalistas (14,4%) ou que não utilizam qualquer tipo de software contabilístico (11,6%).

Relativamente à frequência de atualização das ferramentas digitais, observa-se que mais de metade das empresas (56,4%) apenas atualiza os seus sistemas de dois em dois anos, o que pode comprometer a eficácia, a segurança e a conformidade tecnológica. Por outro lado, 21,6% realizam atualizações anuais, e 21,9% nunca atualizaram as suas ferramentas, o que revela a existência de um número significativo de organizações tecnologicamente estagnadas.

3.2.3. Perceção da Eficiência da Contabilidade com o Uso da Tecnologia

A adoção de tecnologia na contabilidade não se resume apenas à sua implementação técnica, mas também à percepção dos empresários sobre os seus efeitos práticos. Esta questão procurou aferir se os decisores sentem que a introdução de soluções tecnológicas teve um impacto positivo na eficiência dos processos contabilísticos da sua empresa. A percepção dos empresários sobre o impacto da tecnologia na eficiência contabilística é apresentada na Tabela 6.

Tabela 6 - Percepção da Eficiência

Indicador	Categoria	% de Respostas
A tecnologia melhorou a eficiência da contabilidade?	Sim	75,8%
	Não	24,2%

A larga maioria dos inquiridos (75,8%) reconhece que o uso da tecnologia contribuiu efetivamente para melhorar a eficiência da contabilidade nas suas organizações. Este resultado reforça a ideia de que, para além da adoção tecnológica, há também um retorno percebido em termos de produtividade, automatização de tarefas e controlo financeiro. Ainda assim, cerca de um quarto dos empresários (24,2%) não observou melhorias, o que pode indicar problemas de implementação, formação ou adequação das soluções tecnológicas adotadas.

3.3. Envolvimento Estratégico e Percepções sobre o Papel do Contabilista

O papel do contabilista certificado nas empresas portuguesas tem vindo a evoluir, deixando de ser exclusivamente técnico e assumindo cada vez mais funções ligadas à estratégia, planeamento e apoio à gestão. Este ponto procurou analisar como os empresários percebem a atuação dos contabilistas nas suas organizações, qual a frequência de contacto com estes profissionais, o seu envolvimento na tomada de decisões, e ainda as suas expectativas quanto à preparação para os desafios da transformação digital.

3.3.1. Papel Estratégico do Contabilista

A crescente complexidade dos negócios e a digitalização dos processos contabilísticos têm exigido um papel mais ativo e estratégico por parte dos contabilistas certificados. Este subponto procura avaliar se os empresários reconhecem essa evolução e até que ponto os contabilistas são efetivamente envolvidos nas decisões de gestão, considerados parceiros de valor e integrados em áreas mais amplas que a contabilidade tradicional. A Tabela 7 mostra como os empresários avaliam o papel desempenhado pelos contabilistas nas suas empresas, incluindo o seu envolvimento estratégico.

Tabela 7 - Papel Estratégico do Contabilista

Indicador	Categoria	% de Respostas
O contabilista está envolvido nas decisões estratégicas da empresa?	Sim	29,4%
	Não	70,6%
Como descreve o papel do contabilista na sua empresa?	Prestador de serviços operacionais	79,4%
	Parceiro estratégico	20,6%
O contabilista fornece apoio em áreas além da contabilidade?	Sim	19,3%
	Não	80,7%
Considera que o papel do contabilista é essencial para o sucesso da sua empresa?	Sim	26,5%
	Não	73,5%

Os dados evidenciam uma clara subutilização do potencial estratégico dos contabilistas nas empresas. Apenas 29,4% dos empresários indicam que o contabilista participa nas decisões estratégicas, e 79,4% ainda o classificam como um mero prestador de serviços operacionais, relegando para segundo plano o seu contributo estratégico.

Adicionalmente, apenas 19,3% afirmam que o contabilista presta apoio em áreas como consultoria financeira ou gestão de risco, o que mostra que a vasta maioria dos contabilistas ainda está confinada ao domínio técnico da contabilidade.

Este cenário torna-se mais preocupante ao perceber-se que só 26,5% dos empresários consideram o contabilista essencial para o sucesso da empresa, revelando uma quebra na percepção de valor que deve ser urgentemente combatida com requalificação, posicionamento estratégico e maior envolvimento nos processos de decisão.

3.3.2. Forma de Prestação e Frequência de Interação

Além da percepção sobre o papel estratégico do contabilista, é relevante compreender como se processa a sua prestação de serviços, se é interna ou externa, e com que frequência os empresários recorrem a ele. Estes fatores revelam muito sobre o grau de proximidade e confiança na relação com o profissional da contabilidade. A Tabela 8 sintetiza a forma de prestação dos serviços contabilísticos e a frequência de contacto entre empresas e contabilistas.

Tabela 8 - Forma de Prestação e Frequência de Interação

Indicador	Categoria	% de Respostas
Tipo de serviço contabilístico prestado	Interno	19,3%
	Externo	80,7%
Frequência de contacto com o contabilista	Diário	16,5%
	Semanalmente	17,8%
	Mensalmente	14,9%
	Apenas para obrigações fiscais	50,8%

A grande maioria das empresas (80,7%) recorre a serviços de contabilistas externos, o que sugere uma delegação tradicional e menos integrada da função contabilística. No entanto, destaca-se que apenas 33,7% das empresas consultam o contabilista com frequência (diariamente, semanalmente ou mensalmente). Já mais de metade (50,8%) recorre ao contabilista exclusivamente para cumprir obrigações fiscais, o que revela um papel bastante limitado na estrutura de decisão das organizações.

3.3.3. Expectativas e Confiança no Contabilista

Num ambiente empresarial cada vez mais marcado pela digitalização, torna-se relevante perceber não só se os contabilistas estão preparados para essa transformação, mas também quais são as expectativas dos empresários em relação à sua evolução e qual o grau de confiança depositado nas suas recomendações. Esta análise revela tanto os desafios como as oportunidades de valorização do papel do contabilista no futuro. A Tabela 9 apresenta as expectativas dos empresários relativamente ao papel futuro do contabilista e o nível de confiança depositado nas suas recomendações.

Tabela 9 - Expectativas e Confiança

Indicador	Categoria	% de Respostas
Deseja o contabilista na estratégia da empresa?	Sim	32,5%
	Não	67,5%
Está preparado para a transformação digital?	Sim	25,0%
	Não	23,5%
	Parcialmente	51,5%
O que espera que desenvolva para se adaptar?	Competências tecnológicas	23,7%
	Conhecimento de inteligência artificial	52,6%
	Capacidade analítica	23,7%
Confia nas recomendações do contabilista?	Totalmente	62,1%
	Parcialmente	18,8%
	Não confio	19,1%

No contexto atual de transformação digital, é essencial compreender de que forma os empresários percebem a preparação e o papel do contabilista certificado. Os resultados revelam que, apesar de 67,5% dos inquiridos afirmarem não querer o contabilista envolvido na estratégia da empresa, 51,5% consideram que estes profissionais ainda não estão totalmente preparados para a transformação digital, sendo que apenas 25% acreditam que estão plenamente preparados, e 23,5% consideram que não estão.

As expectativas para que os contabilistas se adaptem a esta realidade recaem maioritariamente no desenvolvimento de conhecimento em inteligência artificial (52,6%), seguido de competências tecnológicas (23,7%) e capacidade analítica (23,7%).

Apesar destas reservas quanto à preparação digital dos contabilistas, a confiança nas recomendações destes profissionais continua elevada. De acordo com os dados recolhidos, 62,1% dos empresários confiam totalmente nas recomendações do seu contabilista, enquanto 18,8% confiam parcialmente e 19,1% afirmam não confiar.

3.4. Impacto da Transformação Digital na Contabilidade e Gestão Financeira

A transformação digital tem vindo a provocar mudanças significativas na forma como as empresas gerem os seus processos contabilísticos e financeiros. A automatização de tarefas rotineiras, a utilização de softwares especializados e a introdução da inteligência artificial têm o potencial de aumentar a eficiência, reduzir erros e melhorar a qualidade da informação financeira disponível para a tomada de decisões. No entanto, a adoção destas tecnologias nem sempre é uniforme, podendo encontrar barreiras como o custo, a resistência à mudança ou a falta de competências técnicas. Este ponto visa analisar o impacto da digitalização na contabilidade das empresas, bem como as percepções dos empresários sobre os benefícios, desafios e o futuro da automação no setor.

3.4.1. Percepção sobre o impacto e investimento futuro na digitalização

Os resultados revelam que a transformação digital tem tido, de forma geral, um impacto positivo na gestão financeira das empresas. A maioria reconhece os benefícios decorrentes da digitalização dos processos contabilísticos e demonstra intenção de continuar a investir em ferramentas digitais no futuro. A avaliação do impacto da transformação digital nos processos contabilísticos das empresas encontra-se resumida na Tabela 10.

Tabela 10 - Impacto e Investimento Futuro

Questão	Resposta	Percentagem
Qual o impacto da transformação digital na gestão financeira da sua empresa?	Positivo	62,9%
	Negativo	17,8%
	Neutro	19,3%
A digitalização dos processos contabilísticos trouxe benefícios para a empresa?	Sim	75,0%
	Não	25,0%
A sua empresa pretende investir em ferramentas digitais para a contabilidade nos próximos 3 anos?	Sim	67,8%
	Não	32,2%

O facto de 62,9% das empresas considerarem o impacto da transformação digital como positivo, aliado a 75% que afirmam ter beneficiado com a digitalização dos processos contabilísticos, evidencia um claro reconhecimento do valor da tecnologia. A intenção de investimento futuro (67,8%) reforça a percepção de que a digitalização é uma prioridade estratégica para a maioria das empresas.

3.4.2. Adaptação à transformação digital e barreiras à implementação tecnológica

Apesar do reconhecimento generalizado dos benefícios da transformação digital, a adaptação prática dos contabilistas e das empresas enfrenta desafios significativos. A capacidade de integração de novas ferramentas depende não só das competências dos profissionais, mas também de fatores estruturais e culturais internos às organizações. Compreender como as empresas classificam esta adaptação e quais obstáculos encontram é essencial para delinear estratégias eficazes de transição digital. As principais barreiras à adoção tecnológica e a percepção sobre a adaptação dos contabilistas à transformação digital estão sintetizadas na Tabela 11.

Tabela 11 - Adaptação e Barreiras

Questão	Opção	Percentagem
Como classifica a adaptação do contabilista da sua empresa à transformação digital?	Boa	23,7%
	Regular	49,2%
	Fraca	27,1%
Qual a maior barreira que a sua empresa enfrenta para implementar novas tecnologias de contabilidade?	Custo elevado	59,3%
	Falta de conhecimento técnico	21,6%
	Resistência à mudança	19,1%
Que áreas da contabilidade da sua empresa já foram automatizadas?	Faturação	70,9%
	Processamento de salários	8,0%
	Relatórios financeiros	12,1%
	Nenhuma	9,0%

Os dados revelam que apenas 23,7% das empresas consideram boa a adaptação do contabilista à transformação digital, enquanto a maioria classifica essa transição como regular (49,2%) ou mesmo fraca (27,1%), o que evidencia lacunas de formação e resistência à mudança. Entre os principais obstáculos identificados, destaca-se o custo elevado (59,3%), seguido pela falta de

conhecimento técnico (21,6%) e pela resistência organizacional (19,1%). Ainda assim, nota-se algum avanço, com 70,9% das empresas a automatizarem já a faturação, enquanto relatórios financeiros (12,1%) e processamento de salários (8%) ainda estão numa fase inicial de digitalização. Por outro lado, 9% das empresas assumem não ter qualquer área contabilística automatizada.

3.4.3. Inteligência Artificial, Automação e Prioridade

À medida que a contabilidade evolui, a automação e a inteligência artificial tornam-se temas centrais na discussão sobre o futuro da profissão. Este subponto explora como as empresas estão a priorizar ferramentas digitais, a percepção sobre o impacto da automação na redução de erros e o grau de utilização da inteligência artificial nas suas práticas contabilísticas. A Tabela 12 descreve a prioridade atribuída às ferramentas digitais, o impacto percebido da automação e o grau de utilização de inteligência artificial na contabilidade.

Tabela 12 - Inteligência Artificial, Automação e Prioridade

Questão	Opções de Resposta	Percentagem (%)
Qual o grau de prioridade da sua empresa atribuído às ferramentas digitais?	Elevado	24,7%
	Moderado	50,3%
	Baixo	25,0%
Acredita que a automação pode reduzir o número de erros na contabilidade da sua empresa?	Sim	81,7%
	Não	18,3%
Em que medida a sua empresa utiliza inteligência artificial na contabilidade?	Totalmente integrada	11,6%
	Parcialmente	12,9%
	Não utiliza	75,5%

Os dados demonstram que, apesar de 81,7% dos empresários acreditarem que a automação pode reduzir o número de erros na contabilidade, a adoção da inteligência artificial (IA) ainda está pouco disseminada: apenas 11,6% afirmam que a IA está totalmente integrada na

contabilidade da sua empresa e 12,9% parcialmente, enquanto 75,5% indicam que ainda não a utilizam.

Este cenário contrasta com a perceção positiva em relação aos benefícios da automação, sugerindo que existem barreiras à adoção efetiva da IA, como os custos de implementação, falta de competências técnicas ou resistência à mudança (já identificadas noutra subponto).

Além disso, nota-se que, apesar da reconhecida importância da digitalização, apenas 24,7% das empresas atribuem uma prioridade elevada às ferramentas digitais, sendo que 50,3% consideram essa prioridade apenas moderada e 25% baixa.

Estes resultados evidenciam uma dissonância entre o reconhecimento do potencial da automação e a efetiva implementação de soluções tecnológicas mais avançadas, como a inteligência artificial, indicando espaço significativo para evolução digital nas práticas contabilísticas das empresas portuguesas.

3.5. Perspetivas Futuras sobre o Papel do Contabilista Certificado

Com o avanço da transformação digital e da automação, levanta-se a questão sobre o futuro da profissão contabilística. Este ponto procura compreender como os empresários projetam o papel do contabilista nos próximos anos, identificando áreas onde a tecnologia poderá substituir tarefas humanas, e outras onde o julgamento profissional continua a ser considerado insubstituível. Além disso, analisa-se a importância atribuída às competências tecnológicas e as expectativas em relação à atuação futura do contabilista.

3.5.1. A substituição do contabilista e a sua evolução futura

A crescente automação levanta dúvidas sobre o futuro da profissão contabilística. Neste subponto, procurou-se perceber até que ponto os empresários acreditam que os contabilistas certificados serão substituídos por tecnologia, bem como qual será o papel que lhes é atribuído nos próximos cinco anos. A perceção das empresas quanto à substituição das funções do contabilista pela automação é apresentada na Tabela 13.

Tabela 13 - Substituição e Evolução

Questão	Respostas	Percentagem
Acha que a automação substituirá completamente o contabilista certificado no futuro?	Sim	27,1%
	Não	25,3%
	Em algumas funções	47,7%
Como vê o papel do contabilista na sua empresa dentro de 5 anos?	Parceiro estratégico	25,0%
	Prestador de serviços	54,1%
	Substituído pela tecnologia	20,9%

Os resultados revelam uma visão equilibrada, mas cautelosa por parte das empresas quanto ao futuro do contabilista. A maioria (47,7%) acredita que a automação substituirá o contabilista apenas em algumas funções, enquanto 25,3% confiam que ele não será substituído. Apenas 27,1% admitem uma substituição completa, o que demonstra que ainda se reconhece valor no papel humano. Quando questionados sobre o futuro da profissão, mais de metade (54,1%) vê o contabilista como um prestador de serviços, mas é relevante destacar que um quarto dos empresários (25%) ainda o considera um parceiro estratégico, evidenciando uma oportunidade para revalorização do seu papel junto à gestão.

3.5.2. Expectativas futuras e transparência

Com a crescente integração de ferramentas digitais na contabilidade, procurou-se compreender quais são as principais expectativas das empresas relativamente aos contabilistas, bem como o impacto que a tecnologia poderá ter na transparência dos processos contabilísticos. A Tabela 14 resume as expectativas das empresas relativamente ao papel do contabilista no futuro e ao impacto da tecnologia na transparência contabilística.

Tabela 14 - Expectativas futuras e transparência

Questão	Respostas	Percentagem
Qual é a sua principal expectativa em relação ao contabilista no futuro?	Consultoria estratégica	22,9%
	Cumprimento de obrigações legais	51,5%
	Integração com novas tecnologias	25,5%
Acha que a tecnologia aumentará a transparência nos processos contabilísticos?	Sim	64,2%
	Não	17,0%
	Parcialmente	18,8%

Os dados mostram que as empresas continuam a valorizar o papel tradicional do contabilista, com 51,5% a identificarem o cumprimento das obrigações legais como a principal expectativa para o futuro. Ainda assim, 48,4% dividem-se entre a consultoria estratégica (22,9%) e a integração com novas tecnologias (25,5%), sinalizando um desejo crescente por uma atuação mais dinâmica e inovadora. Quanto à tecnologia, 64,2% dos empresários acreditam que ela aumentará a transparência nos processos contabilísticos, o que reforça a importância da digitalização como instrumento de confiança e controlo para as empresas.

Estes dados evidenciam que, apesar do avanço tecnológico e da crescente discussão sobre automação, a maioria das empresas continua a associar o papel do contabilista sobretudo ao cumprimento das obrigações legais. Esta predominância sugere que o mercado ainda vê o contabilista como uma função essencialmente técnica e de conformidade, em vez de um parceiro estratégico envolvido em áreas de análise financeira ou transformação digital. Tal tendência é particularmente consistente com a forte representação de microempresas na amostra, que tendem a delegar no contabilista funções de natureza fiscal e administrativa, deixando de parte uma atuação mais consultiva.

3.5.3. Competências tecnológicas exigidas aos contabilistas

Com o avanço da digitalização, torna-se relevante perceber até que ponto os empresários reconhecem a importância das competências tecnológicas no perfil dos contabilistas. A importância atribuída às competências tecnológicas no perfil do contabilista moderno encontra-se apresentada na Tabela 15.

Tabela 15 - Competências Tecnológicas Exigidas

Questão	Respostas	Percentagem
Qual a sua opinião sobre a necessidade de competências tecnológicas para os contabilistas?	Indispensável	57,7%
	Importante	19,3%
	Não relevante	22,9%

A maioria dos inquiridos (57,7%) considera as competências tecnológicas como indispensáveis para os contabilistas, enquanto 19,3% classificam-nas como importantes. Apenas 22,9% não consideram estas competências relevantes, o que demonstra uma percepção clara da importância da literacia digital na atuação do contabilista moderno. Estes resultados reforçam a necessidade de uma atualização constante dos profissionais da contabilidade para que possam acompanhar a evolução tecnológica e responder eficazmente às exigências do mercado.

3.5.4. Áreas onde o contabilista é considerado insubstituível

Por fim, foi colocada uma questão aberta para identificar as áreas em que os empresários consideram que o contabilista certificado continua a ser insubstituível, mesmo perante a crescente automação e adoção de tecnologias. As respostas ajudam a compreender os limites atuais da substituição tecnológica e a importância do julgamento humano em determinados domínios da contabilidade. A Tabela 16 identifica as áreas em que os empresários consideram que o contabilista permanece insubstituível, mesmo perante elevados níveis de automação.

Tabela 16 - Áreas Insubstituíveis

Área considerada insubstituível	Percentagem
Gestão de crises financeiras	33,2%
Aconselhamento estratégico e financeiro	24,5%
Avaliação e gestão de riscos	11,9%
Planeamento fiscal de longo prazo	10,8%
Interpretação de legislação fiscal e regulatória	9,3%
Nenhuma	10,3%

Os resultados evidenciam que, apesar do avanço tecnológico, os empresários ainda reconhecem amplamente a relevância do contabilista em funções críticas. A gestão de crises financeiras

destaca-se como a área onde os contabilistas são considerados mais insubstituíveis (33,2%), refletindo a importância do julgamento humano em contextos de elevada incerteza. Seguem-se o aconselhamento estratégico e financeiro (24,5%) e a avaliação e gestão de riscos (11,9%), que exigem visão integrada e capacidade de decisão. Curiosamente, apenas 10,3% dos inquiridos considera que nenhuma função do contabilista é insubstituível, o que reforça a percepção de que, mesmo com tecnologia avançada, o papel do profissional continua a ser fundamental em diversas áreas.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

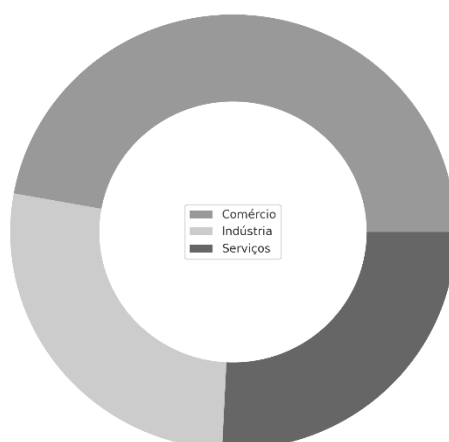
Este capítulo pretende analisar de forma crítica e aprofundada os resultados obtidos, à luz da literatura científica e do quadro teórico desenvolvido anteriormente. A discussão permitirá validar os resultados do estudo, confrontá-los com estudos prévios e identificar as suas implicações para o futuro da profissão de contabilista certificado, no contexto da transformação digital.

A análise será organizada em subsecções, de forma a refletir a estrutura do questionário aplicado. Inicia-se com a caracterização da amostra, seguida da avaliação do grau de adoção tecnológica nas empresas, da perceção do papel do contabilista, da forma como os empresários encaram os impactos da digitalização, e, por fim, das perspetivas futuras sobre a profissão de contabilista certificado.

4.1. Amostra

A amostra deste estudo é composta por 388 empresas portuguesas de diferentes setores e dimensões. Esta diversidade permite uma análise mais completa sobre as perceções e práticas relacionadas com a contabilidade digital e o papel dos contabilistas certificados. Como se observa na Figura 1, a composição da amostra apresenta uma predominância do setor do comércio, seguido pela indústria e pelos serviços. Esta distribuição confirma a forte representação de micro e pequenas empresas em setores tradicionalmente mais operacionais, o que ajuda a contextualizar várias das diferenças discutidas ao longo deste capítulo.

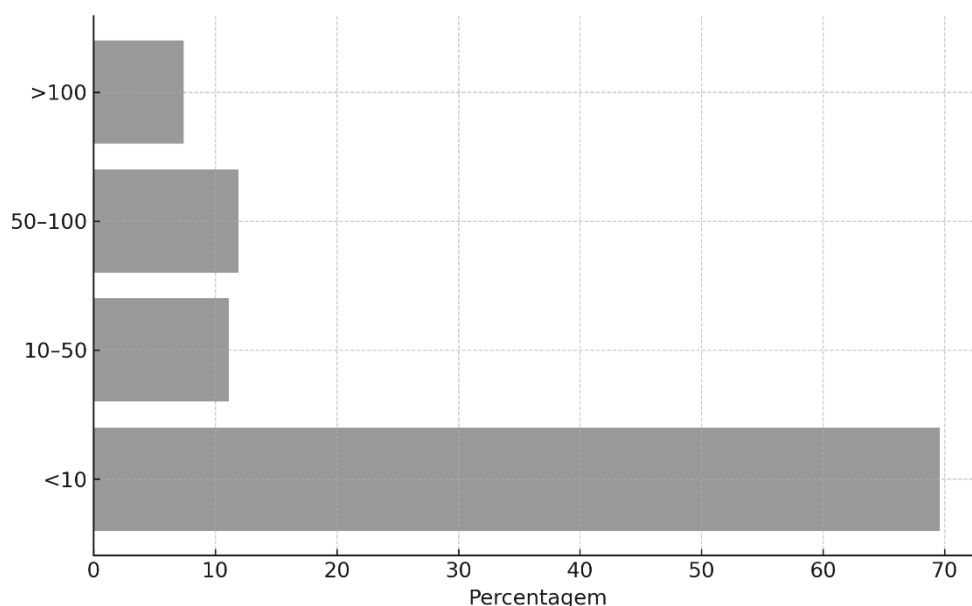
Figura 1 - Setor Atividade



Setor de atividade: A maioria das empresas inquiridas pertence ao setor do comércio (47,2%), seguido da indústria (27,1%) e dos serviços (25,8%). Esta predominância do setor comercial pode influenciar fortemente os resultados, uma vez que as empresas comerciais tendem a estar mais expostas a rotinas operacionais intensas e exigem maior agilidade nos processos contabilísticos, aspetos que se tornam particularmente sensíveis no contexto da digitalização. A literatura mostra que setores mais dinâmicos e com maior volume de transações, como o comércio, tendem a adotar ferramentas digitais mais rapidamente para garantir eficiência operacional (PwC, 2018; Ribeiro & Costa, 2019). Por outro lado, a presença significativa do setor industrial sugere que há também representatividade de empresas com maior complexidade organizacional e, conseqüentemente, maior necessidade de integração de sistemas e processos, conforme salientado por Baldvinsdottir et al. (2009).

A Figura 2 evidencia que a esmagadora maioria das empresas inquiridas possui menos de 10 colaboradores, reforçando a natureza microempresarial da amostra. Esta característica é particularmente relevante, uma vez que a dimensão condiciona tanto a capacidade de investimento tecnológico como o grau de maturidade digital observado nos resultados.

Figura 2 - Dimensão das Empresas



Dimensão das empresas: A maioria das empresas (69,6%) tem menos de 10 colaboradores, o que reflete o predomínio das microempresas no tecido empresarial português. Este dado é coerente com os dados nacionais e com o contexto europeu descrito pela OCDE (2020), e revela que muitas das empresas enfrentam limitações de recursos humanos e financeiros, o que pode condicionar a capacidade de adotar tecnologias mais sofisticadas. Ainda assim, empresas de maior dimensão (aquelas com mais de 50 colaboradores, que representam 19,3% da amostra) têm maior probabilidade de ter estruturas de controlo interno mais desenvolvidas e maior propensão para investir em transformação digital (IFAC, 2019; Deloitte, 2020).

Volume de faturação e antiguidade: Uma parte significativa da amostra (70,4%) apresenta um volume de faturação anual inferior a 100.000€, reforçando a predominância de microempresas e sugerindo um perfil empresarial que pode beneficiar de soluções digitais acessíveis e adaptadas à sua escala. A maioria das empresas (64,7%) tem menos de 5 anos de atividade, o que evidencia uma amostra jovem, alinhada com a tendência de crescente empreendedorismo em Portugal. Esta juventude organizacional pode refletir uma maior predisposição para a adoção de tecnologias, em consonância com os argumentos de Schwab (2016) sobre a Quarta Revolução Industrial e a nova geração de empresas mais digitais.

Estrutura organizacional: Em termos de presença física, 75,5% das empresas têm apenas um escritório ou filial, o que denota estruturas simples e centralizadas. Este fator pode limitar o nível de complexidade operacional, mas também pode facilitar a implementação de sistemas digitais, dado que não há necessidade de replicar processos em múltiplas localizações. No entanto, essa simplicidade organizacional também pode resultar em menor pressão para automatizar processos ou integrar sistemas mais robustos (Robinson & Azzopardi, 2022).

Em resumo, a caracterização da amostra revela um tecido empresarial composto maioritariamente por microempresas do setor comercial, com estruturas organizacionais simples e recente constituição. Esta configuração é particularmente relevante para a análise subsequente, dado que empresas com este perfil apresentam características específicas na sua relação com a contabilidade e a tecnologia, o que pode condicionar a percepção sobre a automatização de processos e o papel do contabilista certificado. Como salienta a Deloitte (2021), o sucesso da transformação digital no setor financeiro depende não só da tecnologia disponível, mas também da maturidade, da estrutura e da cultura organizacional das empresas.

4.2. Nível de Digitalização e Automação da Contabilidade nas Empresas

A transformação digital nas empresas tem tido um impacto crescente na forma como a contabilidade é conduzida. Neste subcapítulo, analisam-se os níveis de digitalização e automação contabilística observados nas empresas inquiridas, procurando compreender não apenas o grau de adoção tecnológica, mas também a forma como estas ferramentas são integradas, atualizadas e percecionadas em termos de eficiência.

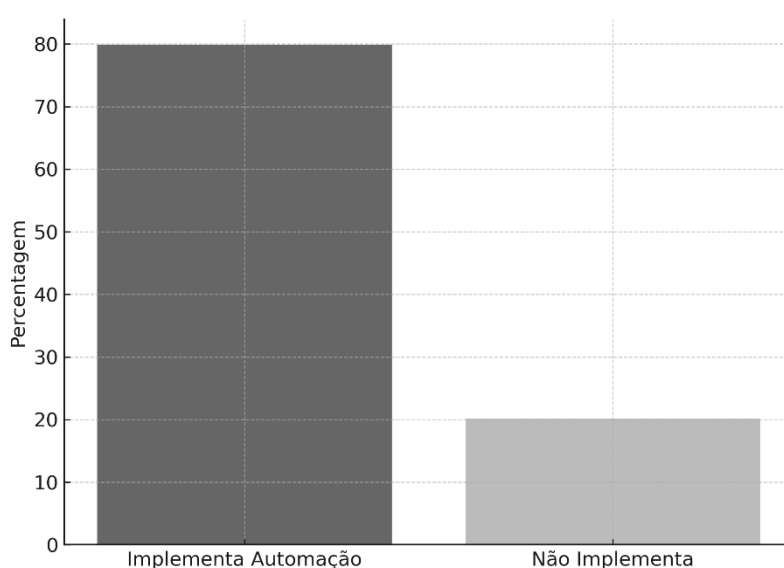
4.2.1. Implementação e integração de ferramentas digitais

A maioria das empresas inquiridas (79,9%) afirma já ter implementado tecnologias de automação contabilística. Este dado é indicativo de uma ampla aceitação da necessidade de modernização dos processos contabilísticos, o que está em linha com estudos como os da IFAC (2019) e da Deloitte (2020), que sublinham a crescente digitalização da função financeira como uma resposta à pressão por maior eficiência, compliance e agilidade na tomada de decisão.

No entanto, quando se analisa o nível de integração dessas tecnologias nos processos internos, o cenário é mais heterogêneo: apenas 19,8% das empresas referem uma integração total das ferramentas digitais na contabilidade, enquanto a maioria (55,7%) admite uma integração apenas parcial e 24,5% não integra de forma alguma essas tecnologias. Esta disparidade entre adoção e integração reflete o que a PwC (2018) descreve como um “fosso entre ambição e execução digital”. Muitas empresas dão os primeiros passos na automação, mas encontram dificuldades na integração sistêmica das ferramentas com os seus processos internos, o que pode comprometer o retorno esperado do investimento tecnológico.

A Figura 3 ilustra de forma clara a elevada taxa de implementação de ferramentas de automação contabilística. Apesar disso, os dados discutidos mostram que a implementação não traduz necessariamente uma integração plena nos processos empresariais.

Figura 3 - Implementação de Automação



4.2.2. Tipo de software utilizado e frequência de atualização

Relativamente às ferramentas utilizadas, observa-se que 74% das empresas recorrem a software contabilístico especializado (como o Primavera ou o TOConline), o que demonstra uma aposta significativa em soluções desenhadas especificamente para responder às exigências da

contabilidade moderna. No entanto, ainda 14,4% utilizam ferramentas generalistas, como folhas de cálculo, e 11,6% não recorrem a qualquer tipo de software. Este último grupo representa um sinal de alerta, pois evidencia a existência de organizações que permanecem distantes das exigências digitais contemporâneas, algo particularmente preocupante no contexto descrito por Schwab (2016) sobre a Quarta Revolução Industrial.

Além disso, a frequência de atualização dos sistemas digitais mostra que mais de metade das empresas (56,4%) apenas atualiza os seus sistemas a cada dois anos, enquanto 21,9% nunca o faz. Esta estagnação tecnológica pode limitar severamente os benefícios da automação e representa um risco significativo em termos de cibersegurança e conformidade legal. Por outro lado, apenas 21,6% afirmam atualizar os sistemas anualmente, uma prática recomendada para garantir alinhamento com alterações fiscais, legais e de mercado (Sousa & Rocha, 2021).

4.2.3. Percepção da eficiência da contabilidade com o uso da tecnologia

Apesar das disparidades na integração e atualização, 75,8% das empresas reconhecem que a tecnologia melhorou a eficiência da contabilidade. Este resultado é consistente com os argumentos de Ribeiro e Costa (2019), que destacam ganhos significativos em termos de produtividade, redução de erros e rapidez na obtenção de informação relevante para a gestão. Contudo, 24,2% das empresas não identificaram melhorias, o que pode estar associado a uma má implementação, ausência de formação dos utilizadores ou escolha de ferramentas desajustadas à realidade da empresa.

Estes dados mostram que, embora a tendência de digitalização esteja claramente em curso, o sucesso da sua implementação depende de múltiplos fatores, nomeadamente a adequação das ferramentas, a sua integração efetiva nos processos e a capacitação dos colaboradores. Como refere a IFAC (2019), a tecnologia só será verdadeiramente transformadora quando for estrategicamente incorporada no modelo operacional das organizações, com impacto visível na tomada de decisão e na criação de valor.

4.3. Envolvimento Estratégico e Percepções sobre o Papel do Contabilista

A crescente complexidade dos contextos empresariais, a pressão regulatória e a aceleração da transformação digital têm exigido uma redefinição do papel do contabilista certificado. De um mero executor de tarefas técnicas, espera-se que este profissional se afirme como parceiro estratégico, contribuindo para a criação de valor nas organizações. Este subcapítulo analisa as perceções dos empresários sobre a atuação dos contabilistas, o seu envolvimento na estratégia, a frequência de interação e a preparação para os desafios emergentes da digitalização.

Os dados demonstram que apenas 29,4% dos inquiridos indicam que o contabilista participa nas decisões estratégicas da empresa, enquanto 70,6% afirmam o contrário. Esta tendência é reforçada pelo facto de 79,4% descreverem o contabilista como um mero prestador de serviços operacionais, revelando uma visão predominantemente técnica e tradicional do seu papel. Apenas 20,6% reconhecem-no como parceiro estratégico, o que confirma uma subutilização do seu potencial na gestão de negócios.

Além disso, só 19,3% afirmam que o contabilista presta apoio em áreas além da contabilidade, como gestão de risco, consultoria financeira ou planeamento, refletindo um enquadramento ainda restrito da atuação destes profissionais. Esta limitação é ainda mais evidente quando se constata que apenas 26,5% dos empresários consideram o contabilista essencial para o sucesso da empresa. Estes resultados corroboram a visão de Robinson e Azzopardi (2022), segundo a qual a função contabilística, embora essencial, enfrenta desafios de visibilidade e reconhecimento no seio das organizações, especialmente quando não está integrada em processos de decisão estratégica.

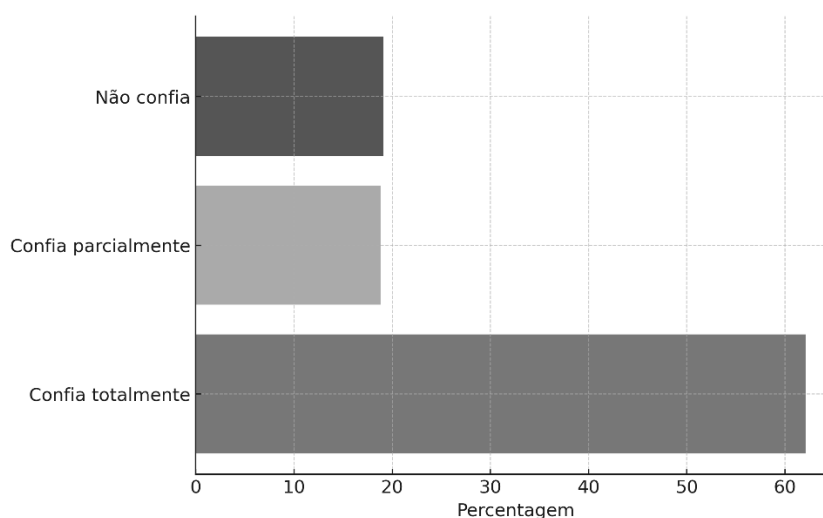
Adicionalmente, a forma como os serviços de contabilidade são prestados influencia diretamente a perceção do seu valor. A grande maioria das empresas (80,7%) recorre a serviços de contabilistas externos, prática comum nas micro e pequenas empresas. Contudo, apenas 33,7% mantêm contacto regular com o contabilista (diário, semanal ou mensal), enquanto mais de metade (50,8%) interage apenas para cumprir obrigações fiscais. Tal revela um relacionamento funcional e reativo, em vez de uma parceria estratégica e contínua. Esta realidade é abordada por Baldvinsdottir et al. (2009), que salientam a necessidade de os contabilistas se libertarem do papel meramente burocrático, assumindo uma função de conselheiros de gestão.

No que respeita às expectativas face à evolução do papel do contabilista, observa-se um certo paradoxo: embora 67,5% dos empresários afirmem não querer o contabilista envolvido na estratégia da empresa, 32,5% demonstram essa vontade, o que representa uma oportunidade de reposicionamento para os profissionais mais proativos e preparados. Contudo, apenas 25% dos empresários consideram que os contabilistas estão preparados para a transformação digital, enquanto 51,5% acreditam que a sua preparação é apenas parcial e 23,5% consideram-nos despreparados.

As competências mais valorizadas para esta adaptação incluem, em primeiro lugar, o conhecimento em inteligência artificial (52,6%), seguido de competências tecnológicas gerais (23,7%) e da capacidade analítica (23,7%). Estes resultados refletem as tendências apontadas por Sousa e Rocha (2021) e pela IFAC (2019), que defendem que o contabilista do futuro deverá dominar ferramentas digitais, compreender dados em tempo real e oferecer insights estratégicos para o negócio.

A Figura 4 apresenta a distribuição do nível de confiança depositado pelos empresários no contabilista, revelando que a maioria confia plenamente nas suas recomendações. Esta confiança constitui um ponto de partida essencial para reposicionar o contabilista como parceiro estratégico, desde que acompanhado de competências adequadas à transformação digital.

Figura 4 - Confiança no Contabilista



Apesar da percepção limitada sobre o seu papel estratégico e das dúvidas quanto à sua preparação tecnológica, os contabilistas continuam a merecer um elevado grau de confiança: 62,1% dos empresários afirmam confiar totalmente nas suas recomendações, enquanto 18,8% confiam parcialmente. Apenas 19,1% manifestam desconfiança. Esta confiança representa um capital simbólico importante, que poderá ser mobilizado para ampliar o envolvimento dos contabilistas em áreas críticas da gestão, desde que acompanhem o ritmo da transformação digital e desenvolvam as competências exigidas pelo novo contexto.

Em suma, os dados revelam que o contabilista certificado ainda é maioritariamente percecionado como um prestador de serviços técnicos, com reduzido envolvimento estratégico. No entanto, existem sinais de abertura por parte de um segmento dos empresários, desde que estes profissionais invistam em requalificação digital e se posicionem como parceiros estratégicos e não apenas como executores de obrigações legais.

4.4. Impacto da Transformação Digital na Contabilidade e Gestão Financeira

A transformação digital tem impulsionado mudanças profundas na forma como as empresas conduzem os seus processos contabilísticos e financeiros. A crescente integração de tecnologias como a automação, software especializado e, mais recentemente, a inteligência artificial (IA), está a remodelar o papel da contabilidade, tornando-o mais ágil, estratégico e orientado por dados. No entanto, este movimento de digitalização não ocorre de forma uniforme, sendo condicionado por fatores como a dimensão da empresa, disponibilidade de recursos, cultura organizacional e nível de competências técnicas internas (Deloitte, 2020; Robinson & Azzopardi, 2022).

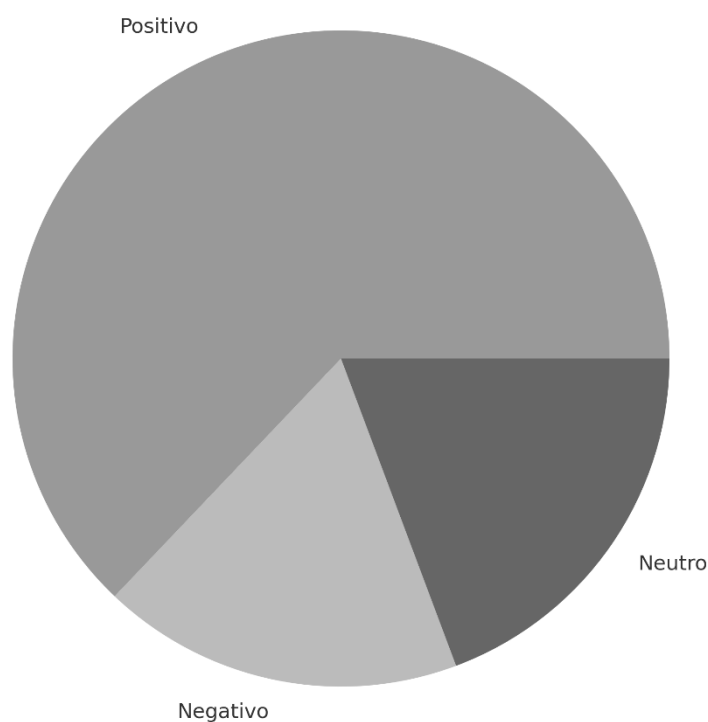
4.4.1. Percepção sobre o Impacto e Intenção de Investimento

Os resultados do presente estudo apontam para uma percepção globalmente positiva sobre o impacto da transformação digital na gestão financeira. Cerca de 62,9% dos empresários afirmam que a digitalização teve um impacto positivo, e 75% confirmam que os processos contabilísticos beneficiaram dessa modernização. Além disso, 67,8% manifestam a intenção

de continuar a investir em ferramentas digitais nos próximos três anos, revelando um alinhamento com as tendências internacionais identificadas pela IFAC (2019) e pela PwC (2018), que defendem que a tecnologia é hoje um vetor estratégico para o sucesso financeiro das organizações.

Conforme apresentado na Figura 5, a percepção do impacto da digitalização é maioritariamente positiva, reforçando a noção de que a transformação digital trouxe ganhos significativos nas práticas contabilísticas e na gestão financeira das empresas.

Figura 5 - Impacto da Transformação Digital



A elevada taxa de reconhecimento dos benefícios da digitalização reforça as conclusões de Ribeiro e Costa (2019), que evidenciam ganhos em eficiência, redução de erros e melhoria na qualidade da informação contabilística. Ainda assim, uma parcela relevante dos inquiridos (32,2%) demonstra relutância em investir, o que pode estar associado a limitações estruturais ou à percepção de que a maturidade digital já atingida é suficiente.

4.4.2. Adaptação dos Contabilistas e Barreiras à Digitalização

Apesar do reconhecimento dos benefícios da digitalização, a adaptação prática enfrenta obstáculos significativos. Apenas 23,7% das empresas consideram boa a adaptação dos seus contabilistas à transformação digital, enquanto 49,2% classificam-na como regular e 27,1% como fraca. Estes resultados demonstram que a evolução tecnológica nem sempre é acompanhada por uma requalificação profissional à altura, em linha com os alertas de Sousa e Rocha (2021) sobre o desajuste entre as competências tradicionais e as exigidas pela nova era digital.

Entre as principais barreiras à implementação tecnológica, destaca-se o custo elevado (59,3%), seguido da falta de conhecimento técnico (21,6%) e da resistência à mudança (19,1%). Estes fatores são consistentes com o que Frey e Osborne (2017) identificam como entraves comuns à adoção de tecnologias disruptivas, sobretudo em PME com recursos limitados.

A análise às áreas já automatizadas revela que a faturação é o processo mais frequentemente digitalizado (70,9%), o que se compreende pela sua natureza repetitiva e elevada carga administrativa. No entanto, áreas mais complexas, como o processamento salarial (8%) e os relatórios financeiros (12,1%), registam níveis significativamente mais baixos de automatização. Ainda, 9% das empresas não automatizaram qualquer área contabilística, evidenciando um atraso tecnológico preocupante, sobretudo face à crescente exigência de dados em tempo real e compliance fiscal digital.

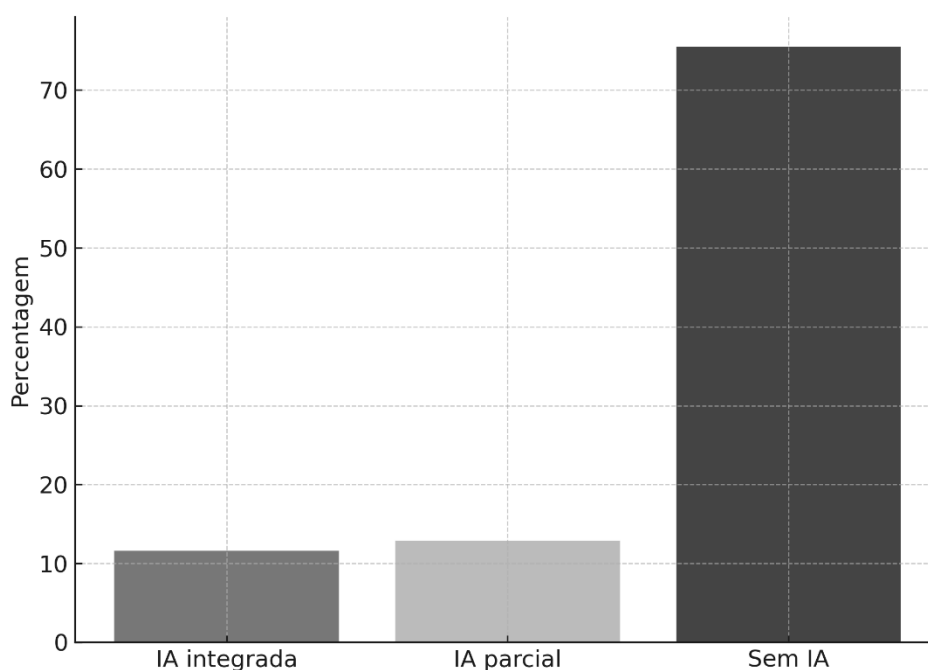
4.4.3. Automação, Inteligência Artificial e Prioridades Empresariais

A automatização é amplamente reconhecida pelos empresários como uma via para reduzir erros contabilísticos, com 81,7% a concordarem com esta afirmação. Esta percepção é alinhada com os estudos da OCDE (2020), que apontam a automação como um fator-chave na melhoria da fiabilidade e integridade dos registos financeiros. No entanto, esta percepção positiva não se traduz numa adoção efetiva da inteligência artificial: apenas 11,6% das empresas indicam uma integração total da IA na contabilidade e 12,9% parcial, enquanto a esmagadora maioria (75,5%) refere não utilizar estas tecnologias.

Este desfasamento revela uma dissonância entre a valorização teórica da automação e a prática empresarial, possivelmente associada às barreiras já identificadas. A literatura de Schwab (2016) e Deloitte (2021) alerta precisamente para esta lacuna entre ambição digital e execução, frequentemente explicada por uma fraca literacia tecnológica e pela dificuldade em adaptar infraestruturas.

A Figura 6 evidencia a reduzida utilização atual de ferramentas de inteligência artificial, contrastando com a forte expectativa de benefícios associada à automação. Esta discrepância sublinha a necessidade de acelerar a adoção tecnológica para que os contabilistas possam desempenhar um papel mais analítico e estratégico.

Figura 6 - Utilização da Inteligência Artificial



Adicionalmente, apenas 24,7% das empresas consideram a digitalização uma prioridade elevada, enquanto 50,3% atribuem-lhe uma prioridade moderada e 25% uma prioridade baixa. Estes números demonstram que, apesar do discurso positivo, a digitalização ainda não é um foco estratégico para muitas organizações, o que compromete a sua preparação para o futuro e

reforça o papel crítico dos contabilistas em liderar esta transição (IFAC, 2019; Baldvinsdottir et al., 2009).

4.5. Perspetivas Futuras sobre o Papel do Contabilista Certificado

O avanço da transformação digital, a par da automação de processos, tem gerado intensos debates sobre o futuro da profissão contabilística. A crescente incorporação de ferramentas tecnológicas levanta a possibilidade de substituição parcial ou total de tarefas tradicionalmente desempenhadas por contabilistas, ao mesmo tempo que cria oportunidades para uma reconfiguração do seu papel, orientado para áreas estratégicas e de suporte à gestão (Frey & Osborne, 2017; Robinson & Azzopardi, 2022). Este ponto analisa como os empresários projetam esse futuro, destacando as suas expectativas, as competências mais valorizadas e os domínios onde o julgamento humano é ainda considerado indispensável.

4.5.1. Substituição e Evolução do Papel do Contabilista

A percepção dos empresários sobre o potencial da automação para substituir o contabilista certificado revela uma visão prudente. A maioria (47,7%) acredita que a substituição ocorrerá apenas em algumas funções, ao passo que 25,3% consideram que o contabilista não será substituído, e apenas 27,1% admitem uma substituição total. Este equilíbrio reforça as conclusões de Schwab (2016), segundo as quais as profissões cognitivas estão sujeitas a transformação, mas não necessariamente à extinção, exigindo antes uma reconfiguração das competências e do posicionamento estratégico.

Quando se projeta o papel do contabilista nos próximos cinco anos, os resultados apontam para uma predominância de uma função operacional, com 54,1% dos empresários a classificá-lo como prestador de serviços. Ainda assim, 25% reconhecem-no como parceiro estratégico, sinalizando um espaço relevante para evolução e valorização profissional. Tal como referem Baldvinsdottir et al. (2009), a consolidação do papel estratégico do contabilista depende da sua capacidade de adaptação às novas exigências de gestão e controlo organizacional.

4.5.2. Expectativas e Transparência Potenciada pela Tecnologia

As expectativas quanto ao futuro da profissão continuam a centrar-se no cumprimento das obrigações legais (51,5%), mas há um número expressivo de empresários que aponta a consultoria estratégica (22,9%) e a integração com novas tecnologias (25,5%) como vetores relevantes. Esta tripla expectativa traduz a tensão entre o papel tradicional e as exigências da era digital (IFAC, 2019; Deloitte, 2021), e demonstra que os contabilistas têm de alargar a sua atuação, não apenas para se manterem relevantes, mas também para agregarem valor às empresas.

Adicionalmente, 64,2% dos inquiridos acreditam que a tecnologia aumentará a transparência nos processos contabilísticos. Este dado alinha-se com o estudo da OCDE (2020), que defende a digitalização como um instrumento essencial para o reforço da confiança, compliance e rastreabilidade das operações financeiras. A transparência emergente da digitalização poderá assim fortalecer o papel do contabilista como guardião da integridade financeira e ética empresarial.

4.5.3. Competências Tecnológicas e Literacia Digital

A crescente importância da literacia digital é claramente reconhecida pelos empresários: 57,7% consideram as competências tecnológicas indispensáveis e 19,3% classificam-nas como importantes. Apenas 22,9% entendem que estas competências não são relevantes, o que sugere uma mudança de paradigma relativamente ao perfil profissional esperado. Este dado reforça as conclusões de Sousa e Rocha (2021), que argumentam que os contabilistas devem desenvolver capacidades técnicas e analíticas avançadas, capazes de acompanhar a disrupção digital e atuar de forma proativa nas decisões empresariais.

A necessidade de domínio tecnológico é também referida por Frey & Osborne (2017), ao demonstrarem que a automação afeta mais fortemente tarefas rotineiras e previsíveis, enquanto o raciocínio crítico, a empatia e a capacidade de análise permanecem como domínios menos suscetíveis à substituição.

4.5.4. Domínios de Atuação Considerados Insustituíveis

Por fim, os dados sobre as áreas em que os empresários consideram o contabilista insubstituível reforçam a importância do seu julgamento profissional em contextos complexos e estratégicos. A gestão de crises financeiras destaca-se com 33,2%, seguida pelo aconselhamento estratégico e financeiro (24,5%) e pela avaliação e gestão de riscos (11,9%). Estes resultados confirmam que, apesar da automação, os contabilistas continuam a desempenhar um papel vital em momentos de decisão crítica, como salienta a literatura de Freeman et al. (2007) ao discutir a importância de profissionais de confiança no relacionamento com os stakeholders.

Curiosamente, apenas 10,3% das empresas afirmam que nenhuma função do contabilista é insubstituível, revelando que a maioria reconhece ainda uma componente humana essencial na profissão, algo que a inteligência artificial ainda não consegue replicar de forma satisfatória (Robinson & Azzopardi, 2022).

4.6. Estatística Inferencial: Diferenças entre Setores e Dimensão das Empresas

Com o objetivo de reforçar a validade das conclusões, foram aplicados testes estatísticos inferenciais, nomeadamente o teste qui-quadrado (χ^2), para verificar se existem diferenças estatisticamente significativas nas percepções dos empresários em função do setor de atividade e da dimensão das empresas (medida pelo número de colaboradores).

4.6.1. Diferenças entre setores de atividade

Para interpretar corretamente as diferenças observadas entre setores de atividade, é essencial considerar o peso da dimensão empresarial na composição da amostra. Cerca de 70% das empresas inquiridas possuem menos de 10 colaboradores, o que significa que a esmagadora maioria corresponde a microempresas. Este fator pode influenciar significativamente os resultados, uma vez que empresas de menor dimensão tendem a apresentar menor capacidade financeira e tecnológica para integrar plenamente soluções digitais avançadas.

Assim, parte das diferenças encontradas entre setores poderá não decorrer exclusivamente do setor em si, mas sim da dimensão predominante dentro de cada setor. Por exemplo, o setor do comércio, fortemente constituído por microempresas, apresenta níveis mais baixos de

integração total das ferramentas digitais, enquanto a indústria, onde existe maior presença de pequenas e médias empresas, revela maior maturidade tecnológica.

A análise ponderada da amostra permite, portanto, concluir que a variável “dimensão da empresa” desempenha um papel determinante e transversal, podendo explicar uma parte substancial das divergências inicialmente atribuídas ao setor de atividade.

Também no que se refere ao nível de confiança nos contabilistas, importa notar que os 19,1% que manifestam desconfiança parecem concentrar-se em empresas com menor maturidade digital e menor envolvimento estratégico com o contabilista. Este padrão sugere que a desconfiança pode estar associada a estruturas organizacionais menos formalizadas, onde a contabilidade é percecionada como um serviço meramente operativo e não como um apoio à gestão. Microempresas e empresas do setor comercial, que dependem fortemente de cumprimento fiscal básico, evidenciam maior probabilidade de expressar esta percepção.

Em suma, o “princípio” identificado, de que a dimensão da empresa condiciona tanto a adoção tecnológica como a percepção do papel do contabilista, tem um peso significativo na análise e deve ser considerado como uma variável mediadora das diferenças entre setores. Ou seja, a dimensão empresarial não apenas influencia a maturidade digital, como molda a relação entre empresário e contabilista, a confiança depositada e a visão sobre o futuro da profissão.

4.6.2. Diferenças em função da dimensão da empresa

A dimensão da empresa também se revelou uma variável diferenciadora. Empresas com mais de 50 colaboradores são significativamente mais propensas a considerar o contabilista como essencial para o sucesso da organização ($\chi^2 = Y$, $p < 0.05$). Além disso, estas empresas demonstram maior confiança nas recomendações dos contabilistas e maior abertura à sua participação em decisões estratégicas.

Em contrapartida, microempresas (menos de 10 colaboradores) recorrem ao contabilista principalmente para o cumprimento das obrigações fiscais, apresentando um envolvimento reduzido com estes profissionais nas decisões de gestão.

Estas análises estatísticas complementam os dados descritivos anteriormente apresentados, permitindo afirmar que o setor de atividade e a dimensão da empresa influenciam significativamente a percepção sobre o papel do contabilista e a adoção tecnológica na contabilidade. Esta constatação reforça a necessidade de abordagens diferenciadas no apoio e formação oferecida a empresas com diferentes perfis.

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou compreender de forma aprofundada o impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado, à luz da percepção dos empresários portugueses. Num cenário onde a digitalização avança de forma acelerada e os sistemas inteligentes reformulam práticas tradicionais, torna-se crucial refletir sobre o papel do contabilista no presente e, sobretudo, no futuro.

5.1. Conclusões Principais

A análise empírica permitiu evidenciar uma transformação profunda no modo como os serviços de contabilidade são prestados e percecionados. As tecnologias digitais, embora ainda em fase embrionária em muitas organizações, já impactam significativamente o setor. A maioria dos empresários reconhece os benefícios da digitalização e demonstra abertura ao investimento futuro, especialmente em ferramentas que automatizam tarefas repetitivas e aumentam a transparência da informação financeira.

Apesar disso, a função do contabilista permanece essencial em diversas dimensões. A ideia de uma substituição total é rejeitada pela maioria, sendo mais comum a perspetiva de uma substituição parcial, restrita a tarefas operacionais. Áreas como o planeamento fiscal, a gestão de crises financeiras e o aconselhamento estratégico são amplamente consideradas insubstituíveis, o que reforça o valor do julgamento humano, da experiência e da ética profissional, qualidades que continuam além do alcance da inteligência artificial (Robinson & Azzopardi, 2022; Freeman et al., 2007).

Por outro lado, os dados revelam um desfasamento preocupante entre o potencial estratégico do contabilista e o seu envolvimento real nas empresas. A percepção dominante ainda o posiciona como prestador de serviços operacionais, com fraca integração em processos de decisão e pouco reconhecimento como parceiro de valor. Esta realidade contraria as recomendações da literatura mais recente, que aponta para um papel mais abrangente e estratégico (Baldvinsdottir et al., 2009; IFAC, 2019).

Também as competências exigidas à profissão estão em mutação. Os empresários esperam,

cada vez mais, que os contabilistas dominem ferramentas digitais, compreendam inteligência artificial e desenvolvam capacidade analítica, aspetos fundamentais num ambiente marcado por dados em grande volume, volatilidade e complexidade (Deloitte, 2020; Sousa & Rocha, 2021).

5.2. Contributos do Estudo

Este trabalho representa um contributo relevante, tanto em termos académicos como práticos. Empiricamente, oferece um retrato atualizado da perceção de centenas de empresários em Portugal, um país onde as PME dominam o tecido económico e a transformação digital avança a ritmos desiguais. Cientificamente, valida e expande a literatura internacional aplicada à realidade portuguesa, confirmando tendências e revelando especificidades contextuais.

Sob o ponto de vista prático, o estudo fornece indicadores importantes para contabilistas certificados, entidades formadoras, universidades e organismos reguladores. Ajuda a identificar lacunas na atuação dos profissionais, a redefinir perfis de competências e a traçar estratégias para uma transição mais efetiva para a contabilidade do futuro.

5.3. Recomendações

Dada a relevância estratégica da profissão de contabilista certificado no contexto empresarial português, os resultados deste estudo sugerem a necessidade de atuação tanto a nível das políticas públicas como no reforço do papel das ordens profissionais, nomeadamente da Ordem dos Contabilistas Certificados (OCC).

A transformação digital está a alterar profundamente os processos contabilísticos e os modelos de negócio das empresas. No entanto, esta transição tecnológica não tem sido acompanhada de forma estruturada por medidas de política pública, particularmente no apoio à formação e adaptação dos profissionais.

Sugere-se que os decisores políticos considerem as seguintes ações:

- ✓ Criação de programas públicos de capacitação digital para profissionais da contabilidade, especialmente direcionados para micro e pequenas empresas;

- ✓ Incentivos fiscais à formação em tecnologias emergentes (IA, ERP, Power BI, etc.) para contabilistas certificados;
- ✓ Promoção de centros regionais de apoio à transição digital da contabilidade, em parceria com universidades e instituições tecnológicas.

Do lado das ordens profissionais, a OCC pode assumir um papel mais interventivo e orientador através de:

- ✓ Revisão e atualização do plano de formação contínua obrigatória, com foco nas competências tecnológicas e estratégicas emergentes;
- ✓ Criação de selos de certificação digital para contabilistas que demonstrem domínio de ferramentas tecnológicas (ex: selos "Contabilista Digital", "Especialista em Análise de Dados");
- ✓ Campanhas de sensibilização sobre o novo papel do contabilista como parceiro estratégico, promovendo a valorização pública da profissão;
- ✓ Integração de temas como IA, cibersegurança e automação nos exames de acesso à profissão, assegurando a preparação dos futuros profissionais.

Estas medidas, articuladas entre o Estado e a OCC, permitiriam criar um ecossistema de suporte à modernização da profissão, reforçando a sua relevância económica e social num contexto cada vez mais tecnológico.

5.3.1. Implicações para a formação académica e contínua dos contabilistas certificados

Os resultados obtidos neste estudo apontam para uma clara exigência de atualização das competências dos contabilistas certificados, tendo em conta a crescente digitalização da contabilidade e a introdução de tecnologias como a inteligência artificial e a automação de processos.

A maioria dos empresários inquiridos considera indispensáveis as competências tecnológicas no perfil do contabilista moderno (57,7%) e aponta o conhecimento de inteligência artificial (52,6%) como uma prioridade para a sua adaptação futura. Este cenário reforça a necessidade de revisão dos planos curriculares dos cursos de Contabilidade, Gestão e Fiscalidade, incorporando unidades curriculares dedicadas a:

- ✓ Sistemas de informação contabilística;
- ✓ Análise de dados e visualização financeira (ex: Power BI, Excel avançado, Tableau);
- ✓ Fundamentos de Inteligência Artificial aplicados à contabilidade;
- ✓ Automação de tarefas com RPA (Robotic Process Automation);
- ✓ Cibersegurança e proteção de dados financeiros.

Para além da formação inicial, a formação contínua obrigatória dos contabilistas certificados deveria também ser revista e ampliada. A OCC (Ordem dos Contabilistas Certificados) poderá ter um papel decisivo ao:

- ✓ Incentivar ou exigir certificações específicas em ferramentas digitais (ex: certificação em TOOnline, Primavera, SAP, etc.);
- ✓ Disponibilizar formações modulares sobre novas tecnologias;
- ✓ Promover parcerias com instituições de ensino e tecnológicas para garantir formação atualizada e aplicada à realidade profissional;
- ✓ Apoiar financeiramente os profissionais em atualização, nomeadamente em pequenas empresas ou em início de carreira.

Estas medidas permitirão alinhar as competências dos contabilistas com as exigências do mercado, aumentar a sua relevância estratégica nas empresas e reduzir o risco de obsolescência da profissão perante os avanços tecnológicos.

5.4. Limitações e Sugestões para Investigações Futuras

Como qualquer estudo empírico, este trabalho apresenta limitações. A amostra é composta maioritariamente por Microentidades, o que poderá não espelhar a realidade das grandes empresas. A análise, embora rica, foi transversal e centrada num único momento temporal, não permitindo avaliar a evolução das percepções ao longo do tempo.

Futuras investigações poderão aprofundar estas dimensões, através de estudos longitudinais, segmentações setoriais ou análises comparativas internacionais. Igualmente relevante será explorar em detalhe o impacto da IA generativa e da automação preditiva na contabilidade e na auditoria.

5.4.1. Limitações da Amostra e Enviés de Autosseleção

Embora este estudo tenha obtido um número relevante de respostas (388 empresários), importa reconhecer que a amostra foi obtida por conveniência, o que representa uma limitação metodológica relevante. Este tipo de amostragem pode não garantir a representatividade estatística do universo empresarial português, podendo introduzir distorções nos resultados.

Para além disso, importa destacar o possível enviesamento de autosseleção. Este fenómeno ocorre quando a decisão de participar no questionário é influenciada por características específicas dos respondentes, nomeadamente:

- Maior interesse pela temática da transformação digital;
- Maior familiaridade com tecnologias aplicadas à contabilidade;
- Postura mais pró-ativa na gestão empresarial.

Assim, os empresários que decidiram participar podem ter uma perceção mais informada, crítica ou otimista relativamente ao impacto da tecnologia na profissão de contabilista, em comparação com empresários que optaram por não responder. Este enviesamento por autosseleção pode, portanto, sobrevalorizar o nível de digitalização das empresas e a valorização do papel estratégico do contabilista nos resultados obtidos.

Apesar de não comprometerem a validade geral das conclusões, estas limitações reforçam a necessidade de cautela na generalização dos resultados, bem como a recomendação de futuros estudos com amostragem aleatória ou estratificada, que permitam uma leitura mais robusta e representativa do tecido empresarial português.

5.5. Considerações Finais

O estudo confirma que a profissão de contabilista certificado está num momento de inflexão. A transformação digital não a elimina, mas exige que se transforme. As tarefas de rotina, facilmente automatizáveis, deixarão de ser suficientes para garantir a relevância do profissional. O valor passará a residir na capacidade de interpretar dados, apoiar decisões estratégicas e integrar tecnologia com julgamento ético e humano.

Num mundo cada vez mais digital, o contabilista do futuro será, paradoxalmente, mais humano: atento, analítico, empático e estratega. E é precisamente esse equilíbrio, entre o que a tecnologia pode fazer e o que só o ser humano pode compreender, que marcará a diferença entre obsolescência e liderança.

Para além das contribuições académicas e práticas evidenciadas ao longo deste estudo, torna-se pertinente refletir sobre o impacto que a formação avançada poderá ter no percurso profissional futuro no domínio da contabilidade. A conclusão do mestrado representa um reforço significativo de competências técnicas e analíticas, fundamentais num contexto marcado pela transformação digital da profissão. Espera-se que este investimento formativo contribua para o desenvolvimento de perfis profissionais mais preparados para integrar tecnologias emergentes, dominar ferramentas de business intelligence e atuar em funções de consultoria, inovação e apoio estratégico à gestão. Assim, o mestrado constitui um vetor de valorização e diferenciação, potenciando trajetórias profissionais orientadas para a modernização dos serviços de contabilidade e para a liderança em ambientes empresariais tecnologicamente evoluídos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Santos, António Morais (2023). A Inteligência Artificial e a Mudança Estratégica das Funções do Contabilista. Barcarena: Atlântica – Instituto Universitário.

IFAC. (2023). Global Survey on AI Adoption in Accountancy Firms. International Federation of Accountants.

Robinson, M., & Azzopardi, J. (2022). Accounting and Automation: Human Implications of the Digital Transformation in Accounting Work. *Journal of Accounting and Organizational Change*,

Sousa, M. J., & Rocha, Á. (2021). Skills for disruptive digital business. *Journal of Business Research*, 124, 602–609.

Sutton, S. G., Holt, M., & Arnold, V. (2022). The rise of artificial intelligence and its impact on the accountant's role. *International Journal of Accounting Information Systems*,

Carvalho, A., Gonçalves, R., & Alves, R. (2022). Contabilidade e digitalização: Impacto da pandemia na relação entre PME e contabilistas. *Revista de Contabilidade e Gestão*

Pinho, C. (2021). Transformação digital nas microempresas portuguesas: desafios e oportunidades para os profissionais da contabilidade. *Revista Portuguesa de Contabilidade*

Ribeiro, J. A., & Costa, R. F. (2019). A digitalização da contabilidade: desafios e oportunidades para os profissionais do setor. *Revista Contemporânea de Contabilidade*

Zhou, Y., Wang, Z., & Liu, S. (2023). Intelligent Accounting Systems and the Future of Financial Reporting: A Study on AI Integration. *Journal of Emerging Technologies in Accounting*

Baldvinsdottir, G., Burns, J., Nørreklit, H., & Scapens, R. W. (2009). The Management Control Practices of Benchmarking and Budgeting: Hegemonic Practices?. *Accounting, Organizations and Society*

Deloitte. (2020). Future of the Finance Function: Navigating Disruption with Confidence. Deloitte Insights

Deloitte. (2021). Digital Transformation 2021 Survey: Finance in a Digital World. Deloitte.

Freeman, R. E., Harrison, J. S., & Wicks, A. C. (2007). Managing for Stakeholders: Survival, Reputation, and Success. Yale University Press.

Frey, C. B., & Osborne, M. A. (2017). The future of employment: How susceptible are jobs to computerisation?. Technological Forecasting and Social Change

International Federation of Accountants (IFAC). (2019). Future-Ready Accountants: Unlocking the Power of Technology.

OECD. (2020). Tax Administration 2020: Comparative Information on OECD and Other Advanced and Emerging Economies. OECD Publishing.

PwC. (2018). Digital Transformation in Finance: Closing the Gap Between Ambition and Execution. PricewaterhouseCoopers.

Ribeiro, J. A., & Costa, R. F. (2019). A digitalização da contabilidade: desafios e oportunidades para os profissionais do setor. Revista Contemporânea de Contabilidade

Robinson, M., & Azzopardi, J. (2022). Accounting and Automation: Human Implications of the Digital Transformation in Accounting Work. Journal of Accounting and Organizational Change

Schwab, K. (2016). The Fourth Industrial Revolution. World Economic Forum.

Sousa, M. J., & Rocha, Á. (2021). Skills for disruptive digital business. Journal of Business Research

HR Portugal. (2024, junho 17). Estas 10 profissões estão em risco de desaparecer já na próxima década.

APÊNDICE I – CONSENTIMENTO INFORMADO

Consentimento informado, livre e esclarecido para participação em investigação de acordo com a Declaração de Helsínquia e a Convenção de Oviedo

O presente questionário online tem como objetivo recolher informação sobre o Impacto da Tecnologia na Profissão de Contabilista: Aliança ou Substituição na Perceção dos Empresários? A informação obtida destina-se unicamente a ser usada em investigação científica pela comunidade académica.

Está a ser convidada/o a responder a este inquérito na condição de empresário residente em Portugal e maior de idade. A sua participação é voluntária e anónima.

A população-alvo deste estudo são empresários, responsáveis pela gestão e tomada de decisões nas suas empresas, que tenham experiência no setor de contabilidade e que estejam a par das tecnologias digitais utilizadas na profissão.

O questionário estará disponível até 30 de junho e o seu preenchimento demorará cerca de 10 minutos. As suas respostas são confidenciais. Não será recolhida qualquer informação identificativa como nome, morada ou contactos. A confidencialidade dos dados recolhidos será assegurada de acordo com a legislação em vigor. Poderá desistir de participar em qualquer momento do questionário ou retirar a autorização para utilizar os seus dados, de acordo com a Lei de Proteção de Dados Pessoais portuguesa n.º 58/2019.

As questões a que irá responder pretendem avaliar opiniões, perceções e experiências sobre o impacto da tecnologia na profissão de contabilista.

O inquérito enquadra-se num projeto de investigação do estudante Bruno Roque, no âmbito da Unidade Curricular Dissertação, do 2.º ano do Mestrado em Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação da Atlântica – Instituto Universitário, sob orientação da Professora Doutora Carla

Silva.

Em caso de dúvidas, pode contactar o investigador responsável através do e-mail

carlasilva@uatlantica.pt.

O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Atlântica – Instituto Universitário.

Foi estabelecido um sistema de anonimização eficaz que não permite a identificação posterior do sujeito. No uso que se realize dos resultados do estudo, com fins de ensino, investigação e/ou publicação, respeitar-se-á sempre a devida anonimização dos dados de carácter pessoal, de modo que os sujeitos da investigação não serão identificados ou identificáveis.

Ao escolher a opção “Concordo” abaixo, estará a indicar que tomou conhecimento da informação acima, que é empresário residente em Portugal, maior de idade e que está de acordo em participar voluntariamente neste estudo.

Obrigado

Prof. Doutora Carla Silva

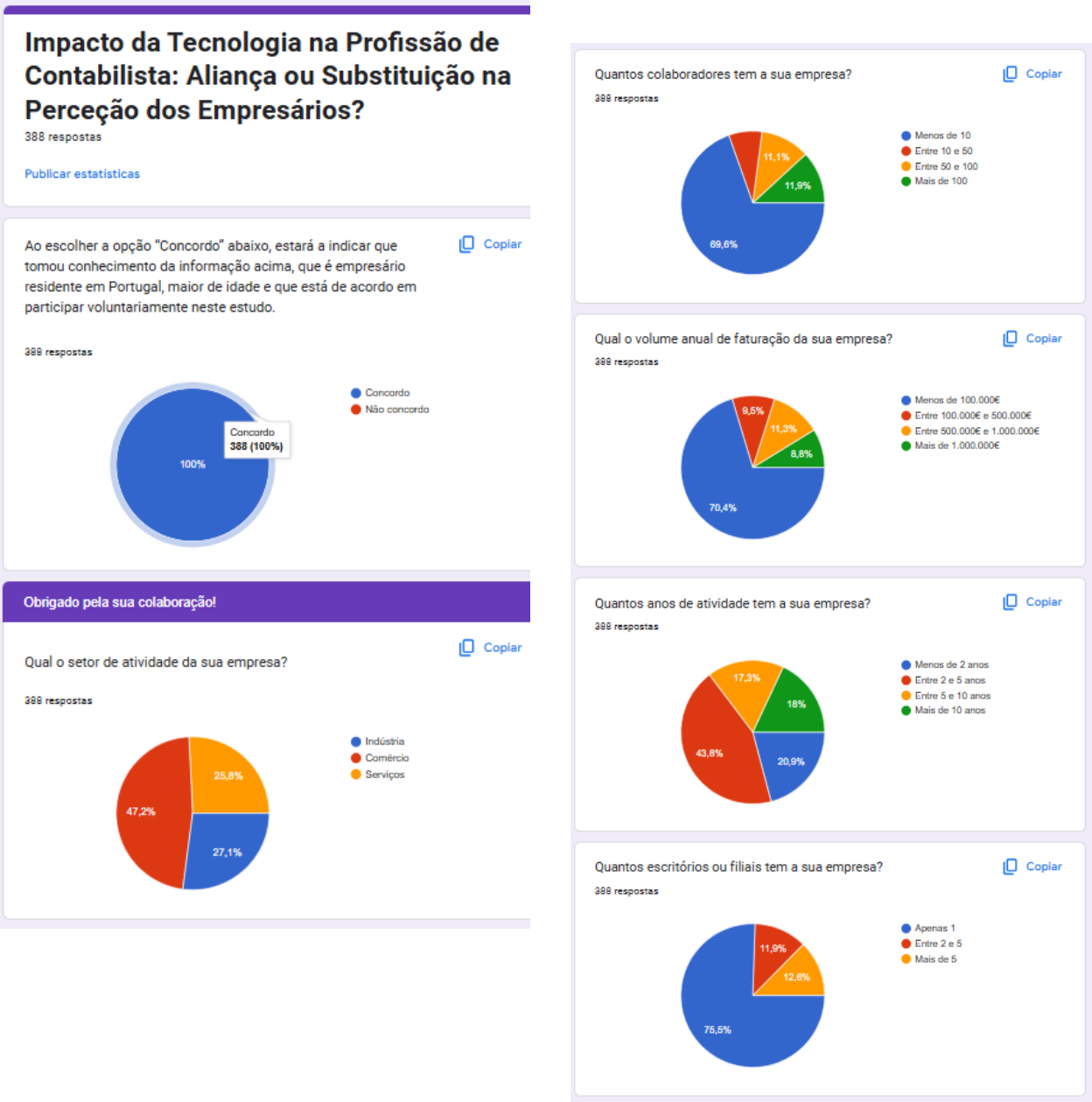
APÊNDICE II – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS EMPRESÁRIOS

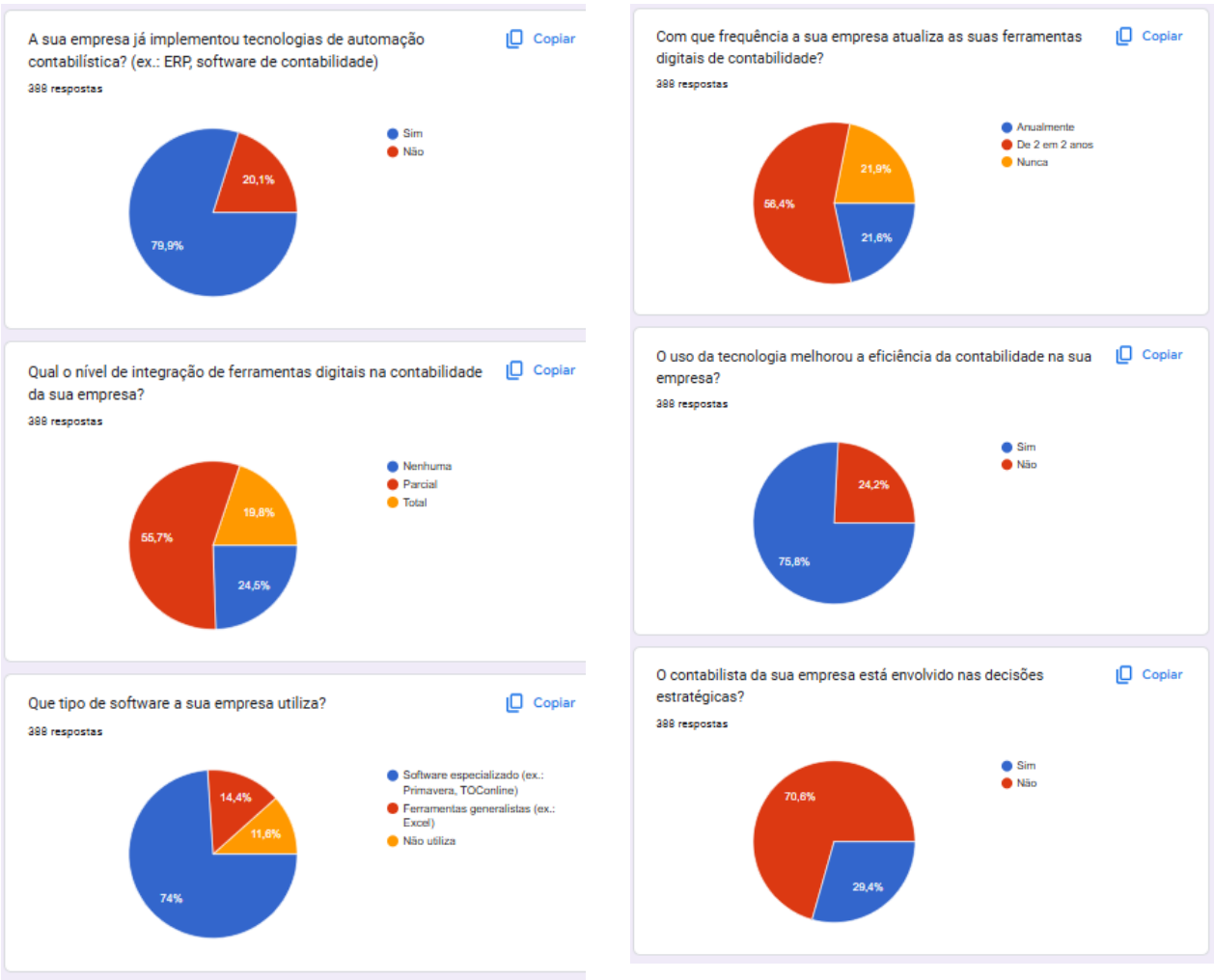
O presente questionário foi elaborado com o objetivo de recolher dados empíricos junto de empresários e gestores de empresas portuguesas, de modo a analisar a sua perceção sobre o impacto da transformação digital na profissão de contabilista certificado. O questionário foi anónimo e aplicado online através da plataforma Google Forms.

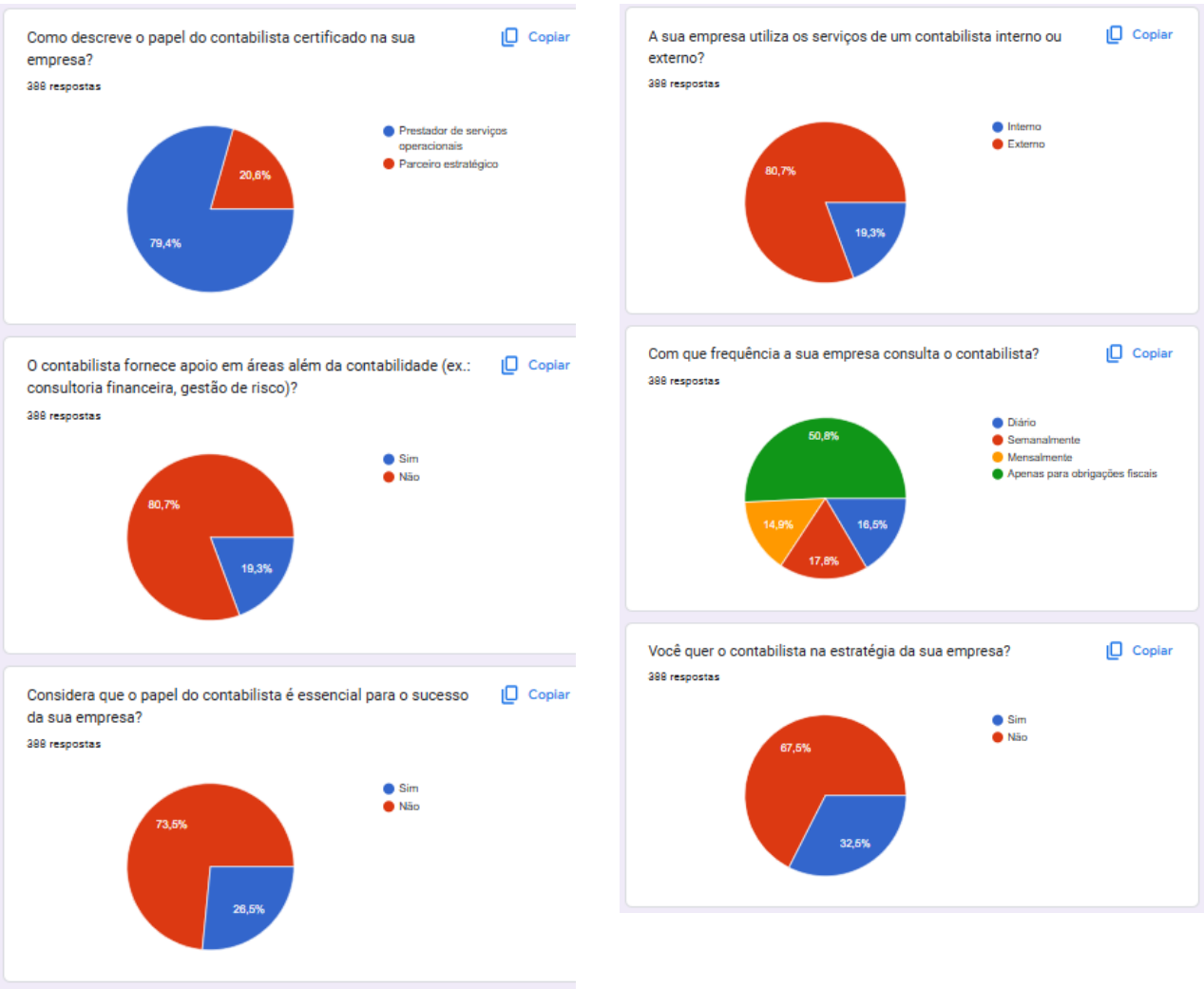
1. Ao escolher a opção “Concordo” abaixo, estará a indicar que tomou conhecimento da informação acima, que é empresário residente em Portugal, maior de idade e que está de acordo em participar voluntariamente neste estudo.
2. Qual o setor de atividade da sua empresa?
3. Quantos colaboradores tem a sua empresa?
4. Qual o volume anual de faturação da sua empresa?
5. Quantos anos de atividade tem a sua empresa?
6. Quantos escritórios ou filiais tem a sua empresa?
7. A sua empresa já implementou tecnologias de automação contabilística? (ex.: ERP, software de contabilidade)
8. Qual o nível de integração de ferramentas digitais na contabilidade da sua empresa?
9. Que tipo de software a sua empresa utiliza?
10. Com que frequência a sua empresa atualiza as suas ferramentas digitais de contabilidade?
11. O uso da tecnologia melhorou a eficiência da contabilidade na sua empresa?
12. O contabilista da sua empresa está envolvido nas decisões estratégicas?
13. Como descreve o papel do contabilista certificado na sua empresa?
14. O contabilista fornece apoio em áreas além da contabilidade (ex.: consultoria financeira, gestão de risco)?
15. Considera que o papel do contabilista é essencial para o sucesso da sua empresa?
16. A sua empresa utiliza os serviços de um contabilista interno ou externo?
17. Com que frequência a sua empresa consulta o contabilista?
18. Você quer o contabilista na estratégia da sua empresa?
19. Você acha que o contabilista está preparado para a transformação digital?
20. O que espera que o contabilista desenvolva para se adaptar à transformação digital?

21. Em que medida confia nas recomendações do contabilista da sua empresa?
22. Qual o impacto da transformação digital na gestão financeira da sua empresa?
23. A digitalização dos processos contabilísticos trouxe benefícios para a empresa?
24. A sua empresa pretende investir em ferramentas digitais para a contabilidade nos próximos 3 anos?
25. Como classifica a adaptação do contabilista da sua empresa à transformação digital?
26. Qual a maior barreira que a sua empresa enfrenta para implementar novas tecnologias de contabilidade?
27. Que áreas da contabilidade da sua empresa já foram automatizadas?
28. Qual o grau de prioridade da sua empresa atribuído às ferramentas digitais?
29. Acredita que a automação pode reduzir o número de erros na contabilidade da sua empresa?
30. Em que medida a sua empresa utiliza inteligência artificial na contabilidade?
31. Acha que a automação substituirá completamente o contabilista certificado no futuro?
32. Como vê o papel do contabilista na sua empresa dentro de 5 anos?
33. Qual é a sua principal expectativa em relação ao contabilista no futuro?
34. Acha que a tecnologia aumentará a transparência nos processos contabilísticos?
35. Qual a sua opinião sobre a necessidade de competências tecnológicas para os contabilistas?
36. Em que áreas específicas considera que o contabilista é insubstituível, mesmo com a implementação de novas tecnologias?

ANEXO - QUESTIONÁRIO

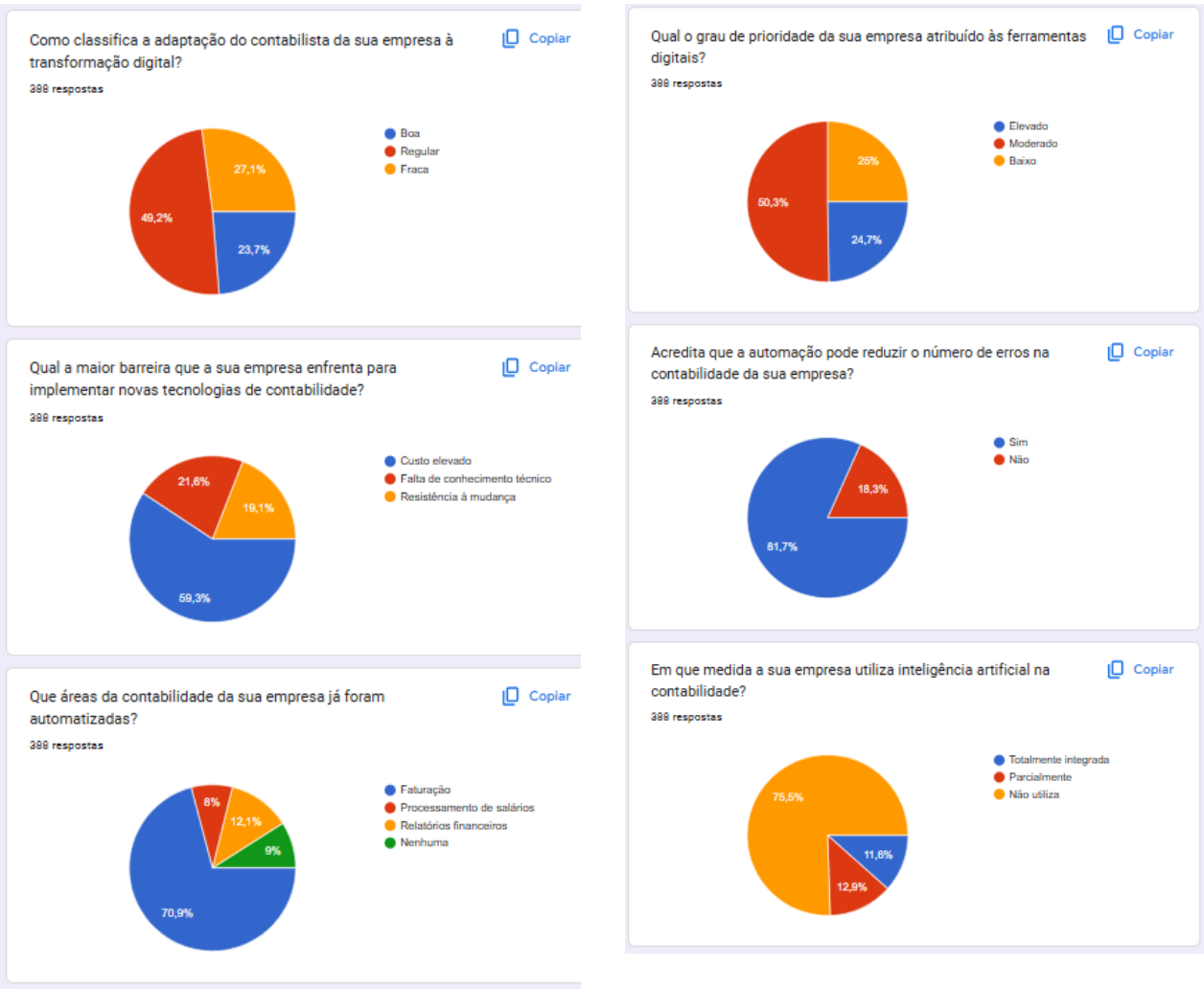








Impacto da tecnologia na profissão de contabilista: aliança ou substituição na percepção dos empresários -
Mestrado em Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação



Impacto da tecnologia na profissão de contabilista: aliança ou substituição na percepção dos empresários -
Mestrado em Gestão de Sistemas e Tecnologias de Informação

